

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

JAQUELINE MENDONÇA FUKUSHI

**COMO DESENVOLVER A HABILIDADE DE FALA DOS APRENDIZES DA
LÍNGUA JAPONESA COMO LE (LÍNGUA ESTRANGEIRA) EM UM CURSO
UNIVERSITÁRIO: UMA ANÁLISE DA METODOLOGIA DE ENSINO.**

Brasília
2012

JAQUELINE MENDONÇA FUKUSHI

**COMO DESENVOLVER A HABILIDADE DE FALA DOS APRENDIZES DA
LÍNGUA JAPONESA COMO LE (LÍNGUA ESTRANGEIRA) EM UM CURSO
UNIVERSITÁRIO: UMA ANÁLISE DA METODOLOGIA DE ENSINO.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Yuki Mukai

Brasília
2012

JAQUELINE MENDONÇA FUKUSHI

**COMO DESENVOLVER A HABILIDADE DE FALA DOS APRENDIZES DA
LÍNGUA JAPONESA COMO LE (LÍNGUA ESTRANGEIRA) EM UM CURSO
UNIVERSITÁRIO: UMA ANÁLISE DA METODOLOGIA DE ENSINO.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Aprovada em 04 de outubro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Yuki Mukai – Universidade de Brasília – UnB

Examinadora: Profa. Ms. Kyoko Sekino – Universidade de Brasília - UnB

Examinador: Prof. Ms. Fausto Pinheiro Pereira – Universidade de Brasília - UnB

Dedico este trabalho aos meus pais João e Zélia, pela dedicação e esforços devotados a mim e dedico também à Yumi, Toshiro e Satiyo por fazerem cada dia ser melhor.

AGRADECIMENTOS

O ser humano é um ser social e por isso em vários momentos da vida não pode fazer as coisas sozinho. Para a realização deste trabalho, não poderia ser diferente. Jamais conseguiria concluí-lo sem a preciosa colaboração de pessoas muito importantes, às quais com poucas palavras gostaria de expressar a minha gratidão.

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Yuki Mukai, pela dedicação e prontidão ao me orientar. Mais que o conhecimento intelectual, me inspirou como exemplo de profissional e de pessoa. Pretendo continuar meus estudos na área de Linguística Aplicada de forma organizada e disciplinada, assim como meu orientador.

À Profa. Dra. Tae Suzuki, da UnB, pelas simples e sábias palavras no momento de indecisão, e por me oferecer o seu vasto conhecimento da gramática da língua japonesa. Obrigada por fazer, algo incompreensível num primeiro momento, se tornar acessível e por fazer com que eu me interessasse por algo que jamais pensei que me interessaria.

À Profa. Ms. Kyoko Sekino, pelas conversas esclarecedoras sobre a área de Linguística Aplicada e por me recomendar importantes referências.

Ao Prof. Dr. Ronan Pereira, pelos incentivos e pela serenidade que sempre procurou me passar.

Ao Prof. Ms. Ernesto A. Sambuichi, por me apresentar um pouco mais da história e cultura japonesa e pelas conversas inspiradoras.

A todos os professores do curso de Letras-Japonês por contribuir com minha formação intelectual e pessoal ao longo destes anos.

Aos professores e amigos Saori Nishihata e Marcus Lira pelo apoio nas horas difíceis e pela contribuição para que eu pudesse concluir este trabalho.

Aos amados João, Zélia, Yumi, Toshiro e Satiyo por serem a base da minha vida e por estarem presentes em todos os momentos.

Aos verdadeiros amigos, pela força e energia positiva que me passaram.

A todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para a conclusão deste trabalho.

E especialmente aos participantes, que não hesitaram em nenhum momento e gentilmente contribuíram para a conclusão deste trabalho. Obrigada por me fazer enxergar os inúmeros e importantes fatores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da língua japonesa.

RESUMO

Este trabalho investiga o desenvolvimento da habilidade de fala dos aprendizes da língua japonesa como LE (língua estrangeira) em um curso universitário, fazendo uma análise da metodologia utilizada em sala de aula e levantando as crenças do professor e dos alunos em relação à metodologia. A motivação deste trabalho é investigar (1) que tipos de atividades podem ser feitos em sala de aula para maximizar a habilidade de fala dos alunos e (2) as crenças do professor e dos alunos em relação às atividades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e sua natureza é o estudo de caso. O estudo se dá em uma universidade pública do Distrito Federal, no curso de licenciatura em Língua e Literatura Japonesa, nas aulas de Japonês–Expressão Oral 1. Os participantes são a professora e sete alunos que atendem a estas aulas. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: questionários mistos aplicados à professora e aos alunos, observação de aulas com notas de campo, gravações das aulas em áudio e entrevistas semiestruturadas feitas com a professora e com os alunos. Os resultados sugerem que o objetivo dos alunos é alcançar a fluência na habilidade de falar a língua japonesa e para isso os alunos necessitam de mais contato com falantes e mais oportunidades de se expressarem em sala de aula. Espera-se que este estudo (1) auxilie os professores a proporcionarem aulas onde os alunos se sintam à vontade para falar e (2) inspire os alunos a buscarem outras formas de se comunicar e não esperem por isso só em sala de aula.

Palavras-chave: crenças; habilidade de fala; ensino da expressão oral da língua japonesa; abordagem; método; técnica.

ABSTRACT

This work investigates the development of speaking ability of the learners of the Japanese Language as foreign language in a university course, making an analysis of the methodology used in classroom and raising the beliefs of the teacher and students about the methodology. The motivation for this work is to investigate (1) what kind of activities can be done in the classroom to maximize students' speaking ability and (2) the beliefs of the professor and students about the activities. This is a qualitative research and its nature is the case study. The study takes place in a public university of Federal District, Japanese Language and Literature course, Japanese Oral Expression 1 classes. The participants are a professor and seven students who attend Japanese Oral Expression 1 classes. The sources for data collection were: mix questionnaires applied to the professor and students, class observation with field notes, audio recordings of lectures and semi-structured interviews with the professor and students. The results suggest that students' goal is to achieve fluency in the ability of speaking the Japanese language and that students need more contact with Japanese speakers and more opportunities to express themselves in the classroom. It is hoped that this study can (1) assist professors to provide lessons where students feel comfortable to talk in Japanese language and (2) inspire students to seek other ways to communicate and not just wait for that in the classroom.

Key words: beliefs; speaking ability; Japanese oral expression teaching; approach; method; technique.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

FIGURA 1: POSIÇÃO HIERÁRQUICA DOS TRÊS CONCEITOS.....	5
FIGURA 2: REFORMULAÇÃO DE MÉTODO SEGUNDO RICHARDS E RODGERS (1986).....	6
TABELA 1: CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES.....	25
TABELA 2: CARACTERÍSTICAS DAS AULAS OBSERVADAS.....	28
TABELA 3: ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (E1 e E2).....	29
TABELA 4: SISTEMATIZAÇÃO DO MÉTODO DE JEO1-1/2012.....	34
TABELA 5: AUTOAVALIAÇÃO.....	40
TABELA 6: CRENÇAS SOBRE AS ABORDAGENS, OS MÉTODO E TÉCNICAS REALMENTE UTILIZADAS NA MATÉRIA JEO1.....	50
GRÁFICO 1: QUAL A HABILIDADE LINGUÍSTICA MAIS IMPORTANTE?.....	37
GRÁFICO 2: MAIOR DIFICULDADE EM SALA DE AULA.....	39

LISTA DE SIGLAS

LE – Língua estrangeira

TCC – Trabalho de conclusão de curso

JEO1 – Japonês – Expressão Oral 1

Q1 – Questionário misto aplicado à professora

Q2 – Questionário misto aplicado aos alunos

E1 – Entrevista semiestruturada feita com a professora

E2 – Entrevista semiestruturada feita com os alunos

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	1
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: JUSTIFICATIVA E PROBLEMA..	1
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	1
1.2.1 Objetivo Geral.....	1
1.2.2 Objetivos Específicos.....	2
1.3 PERGUNTA DE PESQUISA.....	2
1.4 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA.....	3
CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	4
2.1 DIFERENCIAÇÃO ENTRE ABORDAGEM, MÉTODO E TÉCNICA.....	4
2.2 MÉTODOS/ABORDAGENS.....	7
2.2.1 Método Gramática-Tradução.....	7
2.2.2 Método Direto.....	9
2.2.3 Método Audiolingual.....	10
2.2.4 Abordagem Comunicativa.....	10
2.3 ALGUMAS TÉCNICAS UTILIZADAS EM SALA DE AULA.....	12
2.3.1 Exercícios mecânicos.....	13
2.3.2 Exercícios contextualizados.....	14
2.3.3 Exercícios de aplicação.....	15
2.4 HABILIDADE DE FALA.....	17
2.5 CRENÇAS.....	18
CAPÍTULO III – METODOLOGIA.....	21
3.1 MÉTODO.....	21
3.2 NATUREZA.....	21
3.3 CONTEXTO.....	22
3.3.1 Descrição do curso de Língua Japonesa.....	22
3.3.2 As aulas de Japonês – Expressão Oral 1.....	23
3.4 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	24
3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	25
3.5.1 Descrição dos instrumentos.....	26
3.6 A COLETA DE DADOS.....	29
3.7 PROCEDIMENTO PARA A ANÁLISE DE DADOS.....	30

CAPÍTULO IV – RESULTADOS.....	31
4.1 ANALISANDO AS ABORDAGENS, OS MÉTODOS E AS TÉCNICAS UTILIZADAS PELA PROFESSORA E SUAS CRENÇAS.....	31
4.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A HABILIDADE DE FALA E SUAS CRENÇAS.....	37
4.3 CRENÇAS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO ÀS ABORDAGENS, MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS PELA PROFESSORA NAS AULAS DE JEO1	43
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
5.1 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS REFERENTES AOS DADOS DA PROFESSORA.....	50
5.2 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS REFERENTES AOS DADOS DOS ALUNOS.....	52
5.2.1 Crenças dos alunos em relação a habilidade de fala.....	52
5.2.2 Crenças dos alunos em relação às abordagens, métodos e técnicas utilizadas pela professora na aula de JEO1.....	53
5.3 CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO.....	54
5.4 CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS.....	56
LISTA DOS APÊNDICES.....	59
APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO	60
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	61
APÊNDICE C – Q1.....	62
APÊNDICE D – Q2.....	65
APÊNDICE E – ROTEIRO DA E1.....	68
APÊNDICE F – ROTEIRO DA E2.....	70
APÊNDICE G – OS RESULTADOS DO Q2.....	71
APÊNDICE H – NOTAS DE CAMPO	78

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: JUSTIFICATIVA E PROBLEMA

Depois de presenciar muitas queixas em relação à habilidade de fala de estudantes do curso de Letras-Japonês de uma universidade pública do Distrito Federal, e de fazer uma auto-análise, decidimos focar o tema do trabalho de conclusão do curso (doravante TCC) em métodos e técnicas de prática de expressão oral, com o intuito de verificar e refletir a realidade das aulas de expressão oral, prática do japonês e crenças dos alunos sobre tais métodos e técnicas, e se possível, sugerir algumas técnicas.

Alguns problemas detectados no curso supracitado são (a) reclamações por parte dos alunos com relação à habilidade de fala e (b) falta de oportunidade para se comunicar na língua-alvo.

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

São propostos os seguintes objetivos:

1.2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral da presente pesquisa é fazer uma reflexão do corpo docente que esteja envolvido com o ensino de japonês como língua estrangeira (doravante LE) e, futuramente, auxiliar os professores a proporcionarem aos futuros estudantes do curso de Letras-Japonês, uma maior segurança em relação à habilidade de fala.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Verificar a realidade da disciplina “Japonês – Expressão Oral 1” (abordagem, método e técnicas utilizados pela professora, crenças da professora e dos alunos) oferecida no curso de Letras-Japonês de uma universidade pública do Distrito Federal, identificando pontos positivos e negativos;
- b. Identificar e analisar as abordagens, os métodos e técnica(s) utilizadas pela professora da matéria acima referida;
- c. Investigar as crenças dos alunos do curso supracitado em relação à sua habilidade de fala;
- d. Investigar e sistematizar as crenças dos alunos em relação aos métodos utilizados pela professora;
- e. Sugerir, se possível, outros métodos e técnicas de exercícios para potencializar a habilidade de fala dos alunos.

1.3 PERGUNTA DE PESQUISA

Com base nos objetivos citados acima, procuramos responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- a. Qual abordagem a professora tem utilizado?
- b. Quais métodos e técnicas a professora tem aplicado na aula de expressão oral?
- c. Quais as crenças dos alunos em relação à habilidade de fala?
- d. Quais as crenças dos alunos em relação às abordagens, métodos e técnica utilizadas pela professora em sala de aula?
- e. Como se desenvolve a habilidade de fala em sala de aula?

1.4 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

Este trabalho está dividido em cinco capítulos e apêndices. O primeiro capítulo é composto da justificativa e problema de pesquisa. Conta também com os objetivos e as perguntas de pesquisa. No capítulo dois faremos definições das palavras que usamos ao longo do trabalho e também apresentaremos alguns métodos/abordagens de ensino de LE. No capítulo três é apresentada a metodologia utilizada na pesquisa, assim como detalhes dos nossos objetos de pesquisa. No capítulo quatro apresentamos os resultados obtidos por meio da análise dos dados e finalmente no capítulo cinco fazemos as considerações finais.

CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DIFERENCIAÇÃO ENTRE ABORDAGEM, MÉTODO E TÉCNICA

Muitas vezes ao escutar palavras como abordagem, método e técnica no âmbito escolar, muitas pessoas acabam confundindo os sentidos e usam os termos erroneamente. Para sanar qualquer dúvida a esse respeito analisaremos e verificaremos o que a literatura tem falado sobre os termos.

De forma geral a literatura entende os termos da seguinte forma:

Abordagem é um conceito mais abrangente (LEFFA, 1988, p.212) que abarca, entre outras coisas, qual a visão que o professor tem sobre o que é uma língua e o que significa ensinar e aprender (VILAÇA, 2008, p.78). Veroneze e Carvalho (2008, p.4), baseados em autores como Brown (1994) e Larsen-Freeman (2000), concluem que abordagem “refere-se aos conceitos e crenças sobre a linguagem e aprendizagem da língua”.

Para Leffa (1988, p. 212) o método é mais restrito do que a abordagem, sendo que esse pode estar contido nesta. Veronezes e Carvalho (2008, p. 4) vêm o método como procedimentos que embasam as decisões tomadas pelos professores. Leffa (1988, p. 212) assim se pronuncia a respeito do método:

...pode envolver regras para a seleção, ordenação e apresentação dos itens linguísticos, bem como normas de avaliação para a elaboração de um determinado curso.

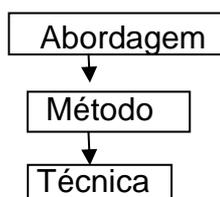
Segundo Leffa (op. cit.) muito do que conhecemos por método, como o método direto, ou método da gramática-tradução, na verdade são abordagens, pois traduzem visões diferentes de ensino.

Palavras como recursos, estratégias, atividades, instrumentos, entre outros, servem para definir técnicas. Veroneze e Carvalho (2008) conceituam técnicas como “atividades específicas utilizadas no processo de ensino em harmonia com o método e abordagem definidos”. Os professores utilizam determinadas técnicas para colocar em prática o ensino e a aquisição da língua alvo.

Em seu artigo, “Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo”, Vilaça (2008, p. 76-78) destaca duas linhas de pensamento em relação às abordagens, métodos e técnicas. Uma é a visão de Edward Anthony (1963) e a outra é a visão de Richards e Rodgers (1986).

Edward Anthony (1963 *apud* VILAÇA, 2008) vê a abordagem, método e técnica de forma hierárquica, onde a abordagem é o conceito mais amplo (concepções do professor sobre o que é o processo ensino-aprendizagem); o método como um conceito intermediário (plano geral de ensino) e técnica como recursos para a realização da prática docente.

FIGURA 1: POSIÇÃO HIERÁRQUICA DOS TRÊS CONCEITOS



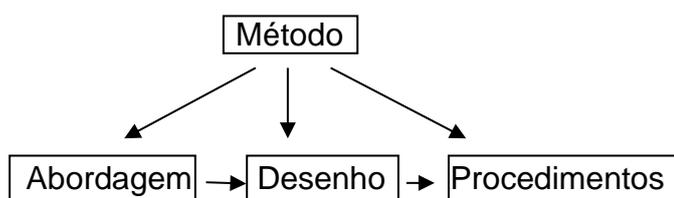
(VILAÇA, 2008, p. 76)

A segunda linha de pensamento em relação aos conceitos de abordagem, método e técnicas pertence a Richards e Rodgers (1986 *apud* VILAÇA, 2008). Eles reformularam esses conceitos e tiveram grande aceitação no meio acadêmico. Nessa reformulação eles renomearam os seguintes conceitos: método passou a ser o desenho e técnica passou a ser procedimentos. Vilaça (op. cit. p.78) assim escreveu:

“para Richards e Rodgers, o método deixa de ser um estágio hierárquico intermediário para tornar-se a combinação harmônica de três fatores: a abordagem, o desenho e os procedimentos.”

Onde, abordagem tem o mesmo sentido que Anthony adotou, desenho se refere ao “objeto de ensino, programa de ensino, papel do professor, papel do aluno, papel dos materiais instrucionais, tipos de tarefas.” (VILAÇA, op. cit., p.79) e procedimentos são as “técnicas, comportamentos, práticas e estratégias didáticas que possibilitam a execução prática e real de um método na sala de aula.” (VILAÇA, op. cit.).

FIGURA 2: REFORMULAÇÃO DE MÉTODO, SEGUNDO RICHARDS E RODGERS (1986).



(VILAÇA, op. cit., p. 78)

Neste estudo adotamos a posição de Edward Anthony (1963), pois consideramos o modelo hierárquico o mais apropriado para a ação docente, onde a abordagem (pressupostos teóricos da aprendizagem de línguas) determina os métodos (normas de aplicação) e técnicas (atividades específicas) utilizados pelo professor.

2.2 MÉTODOS / ABORDAGENS

Nessa seção abordaremos os principais métodos e abordagens utilizados em sala de aula. Nesta pesquisa serão levadas em consideração, do ponto de vista diacrônico, os métodos e abordagens comumente citados na literatura. São eles: método gramática-tradução, método direto, método audiolingual e abordagem comunicativa.

Como um dos objetivos da nossa pesquisa é identificar quais abordagens e métodos a professora utilizou em sala de aula na matéria JEO1, é necessário fazer uma revisão dos principais métodos e abordagens utilizados no ensino de línguas estrangeiras.

2.2.1 MÉTODO¹ GRAMÁTICA – TRADUÇÃO

¹ Segundo a posição teórica de Leffa (1988, p. 212), deveria ser considerada como “abordagem” gramática-tradução, mas como já tinha sido cristalizado o termo “método” gramática-tradução na literatura, aqui nesse item, utilizaremos o termo “método gramática-tradução”.

Historicamente o método gramática–tradução foi um dos primeiros métodos de ensino-aprendizagem de língua estrangeira a surgir e vigorou pleno por muito tempo antes de surgirem outros métodos (KOBAYASHI, 1998, p. 158). Como Kobayashi (op. cit.) cita, isso se deve a fatos históricos. Entre os séculos XVI e XVIII, as línguas clássicas (latim e grego) eram muito estudadas na Europa. O latim era muito utilizado nas missas e, no período histórico em questão, a religião exercia muita influência na Europa, o que gerava a necessidade de se estudar as línguas clássicas nas classes sociais mais altas.

Larsen-Freeman (2000) também afirma que o método gramática–tradução surgiu para o ensino das línguas clássicas. E recebe esse nome por levar em consideração as formas gramaticais da língua-alvo e exercitar a língua por meio de traduções. O método gramática–tradução apresenta as seguintes características:

- O método foca a competência de leitura na língua-alvo e para isso é importante ter o conhecimento gramatical e vocabular;
- O professor é autoridade e a maioria das interações seguem o padrão Professor → Aluno;
- O papel da cultura é reduzido à literatura e às belas artes, uma vez que o objetivo maior desse método é a leitura de textos literários em sua língua original;
- As aulas são ministradas na língua materna dos estudantes.

(sistematização nossa baseada em LARSEN-FREEMAN, 2000)

Nota-se que este método está mais voltado para o desenvolvimento (1) da competência de leitura na língua alvo e (2) do conhecimento de sua estrutura gramatical. O estudo de uma língua estrangeira por meio do método gramática–tradução possibilita um maior entendimento de sua própria língua materna, uma vez que a tradução é muito exercitada.

2.2.2 MÉTODO DIRETO

Esse método também faz parte dos métodos clássicos e se diferencia do método gramática–tradução pela necessidade surgida de utilizar a língua-alvo na oralidade e, por tentar suprir essa necessidade, o método direto se tornou popular (LARSEN-FREEMAN, 2000, p.23). O método tem esse nome porque a regra básica é não permitir o uso de traduções durante a aula. A seguir as principais características:

- A intenção do professor é que o aluno aprenda a se comunicar na língua-alvo;
- A relação professor-aluno é mais maleável, podendo haver interações do tipo Professor→Aluno, Aluno→Professor e Aluno→Aluno;
- Como o professor só fala na língua-alvo a introdução de vocabulário e novas estruturas são feitas por meio de objetos reais, figuras, imitações, entre outros. Os tópicos gramaticais são introduzidos de forma dedutiva por meio de exemplos;
- O foco principal é a habilidade de fala e não a leitura e redação. Por isso a cultura é vista de forma diferente, e não só a literatura e belas artes, mas também os aspectos do dia a dia dos falantes nativos, a geografia e a história do país em que se fala a língua alvo são entendidos como aspectos culturais.

(sistematização nossa baseada em LARSEN-FREEMAN, 2000)

O uso do método direto é uma alternativa para que o estudante aprenda a se comunicar na língua alvo ao invés de aprender sobre a língua alvo. A princípio pode assustar os estudantes pelo fato de não ser permitida outra língua que não seja a língua estudada. É nesse momento que o professor precisa estar preparado com vários recursos para minimizar ao máximo o impacto. É muito importante o uso de recursos visuais tais como fotos, desenhos ou objetos reais para facilitar o entendimento.

2.2.3 MÉTODO AUDIOLINGUAL

Esse método também apresenta uma abordagem baseada na oralidade, mas se diferencia do método direto por enfatizar o uso correto dos padrões gramaticais (LARSEN-FREEMAN, 2000, p.35). O professor tem o papel de condicionar e auxiliar o aluno na aquisição da língua-alvo. As principais características do método audiolingual são:

- Que o aluno use a língua-alvo comunicativamente;
- Vocabulário, novas estruturas gramaticais e aspectos culturais, tais como o estilo de vida e o comportamento comum de falantes nativos, são introduzidos no formato de diálogos, que são treinados por meio de repetição e memorização;
- A ordem natural de aquisição da linguagem acontece na seguinte ordem: audição, fala, leitura e escrita.

(sistematização nossa baseada em LARSEN-FREEMAN, 2000)

O método audiolingual é importante para que o estudante possa perceber como funciona a estrutura da língua. Os exercícios de repetição auxiliam nesse processo. O mais comum é que se utilize este método nos níveis mais básicos, no momento em que o estudante tem o primeiro contato com a estrutura estudada e que posteriormente o aluno seja estimulado a expressar suas próprias ideias sem ter que repetir.

2.2.4 ABORDAGEM COMUNICATIVA

Veroneze e Carvalho (2008, p.8) destacam que nessa abordagem o fato de aprender uma língua envolve não só aprender o vocabulário e os tópicos gramaticais, mas também é preciso aprender a função semântica e social que toda língua tem. Larsen-Freeman (2000) afirma que não basta ter competência linguística (conhecimentos gramaticais) para ser fluente em uma língua, mas é necessário ter competência comunicativa, ou seja, saber o que, como, quando e com quem falar. A seguir as características da Abordagem Comunicativa:

- A comunicação é vista como um processo onde só o conhecimento dos padrões gramaticais da língua-alvo não é suficiente;
- Tudo o que é utilizado em sala de aula tem o objetivo único de promover a comunicação. Costuma-se usar materiais autênticos em sala de aula, tais como notícias de jornal, noticiários televisivos, músicas entre outros;
- Os estudantes são mais motivados, pois eles aprendem a língua-alvo como algo útil e têm a oportunidade de expressar a sua individualidade;
- A língua é usada para a comunicação. Para isso insere-se nas aulas situações sociais comuns e aspectos culturais relacionados com o dia a dia de falantes nativos da língua-alvo.

(sistematização nossa baseada em LARSEN-FREEMAN, 2000)

Os professores que se utilizam da abordagem comunicativa precisam ter um profundo conhecimento sobre a cultura do país onde se fala a língua alvo, pois precisa fazer com que o estudante aprenda a se comunicar de forma eficaz. Isso significa que não basta o aluno saber falar, mas precisa saber também identificar o contexto, o status do interlocutor e assim escolher, dentro de várias possibilidades, a melhor forma de passar a sua mensagem.

Nota-se que os métodos têm sido modificados e vêm evoluindo conforme as necessidades dos aprendizes mudam. O mundo moderno e globalizado em que

vivemos hoje demanda o domínio das quatro habilidades (ouvir, falar, ler e escrever) e a utilização da língua de maneira certa nos momentos certos; porém também é preciso levar em consideração os objetivos dos aprendizes ao aprenderem uma língua estrangeira.

2.3 ALGUMAS TÉCNICAS UTILIZADAS EM SALA DE AULA

Como um dos objetivos da nossa pesquisa é identificar as técnicas utilizadas pela professora da matéria JEO1, é importante revisar as técnicas utilizadas no ensino de línguas estrangeiras. Uma vez que a matéria é relacionada com a habilidade de fala, revisaremos apenas as técnicas utilizadas dentro da abordagem comunicativa.

Kawaguchi (2005) lista algumas técnicas (utilizadas na abordagem comunicativa) para uso em sala de aula. Essas técnicas são divididas da seguinte forma: Exercícios mecânicos, Exercícios contextualizados, Trabalho em dupla e *Role Play*. Na prática do dia a dia, geralmente os professores seguem a seguinte ordem quando introduzem um novo tópico:

- 1^a) Introdução, explicação gramatical;
- 2^a) Exercícios mecânicos;
- 3^a) Exercícios contextualizados;
- 4^a) Exercícios de aplicação

(KAWAGUCHI, 2005, p. 98)

Como a parte relevante para este trabalho é a identificação dos tipos de exercícios, vamos deixar de lado o primeiro tópico (introdução, explicação gramatical) e passar para uma análise mais aprofundada dos exercícios mecânicos, exercícios contextualizados e exercícios de aplicação.

2.3.1 EXERCÍCIOS MECÂNICOS

Os exercícios mecânicos têm como finalidade auxiliar o aluno a assimilar a estrutura do tópico estudado. Uma das características destes exercícios é a repetição exaustiva visando o aprimoramento da pronúncia e, como já citado, a assimilação da estrutura gramatical, sendo muito utilizada no método audiolingual.

Os exercícios mais utilizados são:

- a) Exercício de repetição, onde o professor fala uma palavra ou uma frase e solicita que o aluno repita.
- b) Exercício de expansão, o professor começa com uma palavra e gradativamente vai aumentando os elementos da frase. O aluno repete a frase a cada novo elemento.
- c) Exercício de desenvolvimento, o professor começa uma frase e o aluno precisa aumentar os elementos da frase, intercalando com o professor.
- d) Exercício de substituição, para assimilar determinada estrutura padrão, o professor propõe uma frase e de acordo com as indicações do professor o aluno precisa mudar a palavra-chave. Para tal exercício o professor pode utilizar desenhos indicando as palavras a serem substituídas.
- e) Exercício de mudança, o aluno deve modificar a palavra-chave proposta pelo professor de forma que a frase continue certa. Exercício recomendado para fixação de tempos verbais, por exemplo.

- f) Exercício de combinação, o professor fala duas frases e solicita que o aluno junte as duas frases. Essa junção pode ser feita por meio de um conectivo, que pode ser o foco do exercício.
- g) Exercício de perguntas e respostas, o professor faz uma pergunta e o aluno deve responder.

(sistematização nossa baseada em KAWAGUCHI, 2005)

É aconselhável que os exercícios mecânicos sejam utilizados nos estágios mais básicos da aprendizagem, como uma ferramenta que auxilie o estudante a fixar os padrões de sentenças. Uma crítica recorrente a essa técnica é que o aluno acaba se acostumando com a repetição e deixa de ser pró-ativo na hora de se comunicar na língua alvo, além de ser uma prática tediosa para quem está aprendendo. Outro fator é que a mera repetição não produz comunicação. Para minimizar o efeito negativo dos exercícios mecânicos é importante que o professor saiba utilizar esta técnica na medida certa e que passe para o passo seguinte, que são os exercícios contextualizados.

2.3.2 EXERCÍCIOS CONTEXTUALIZADOS

Os exercícios contextualizados têm a função de fazer com que o aluno entenda em que contextos o tópico estudado pode ser utilizado. Um fator muito importante nos exercícios contextualizados é a troca de informação. Estes exercícios já estimulam a aquisição da habilidade de fala, pois faz com que o aluno tenha que se expressar verbalmente.

O exercício de perguntas e respostas citado anteriormente pode ser usado como um exercício contextualizado também. Mas nesse caso o professor deve explorar um pouco mais a capacidade dos alunos. Pode começar com uma pergunta e a partir da resposta do aluno elaborar outras perguntas que o aluno tenha condições de responder. Além do professor, os outros alunos também podem participar perguntado, ou então os alunos também podem fazer perguntas para o professor. Dessa forma, um simples dueto de pergunta e resposta pode levar a uma conversação onde haja troca de informações (cf. KAWAGUCHI, 2005).

Nos exercícios contextualizados os alunos têm a oportunidade de dar respostas personalizadas, falar de suas experiências e criar os seus próprios significados na língua-alvo. Isso é muito importante para os estudantes, pois eles podem ver que já começam a se expressar verbalmente de forma mais livre e passam a participar das aulas mais ativamente. Outro ponto positivo é que os exercícios contextualizados permitem que os alunos pratiquem não só o padrão gramatical do dia, mas também outras estruturas estudadas anteriormente. Reciclagem do conhecimento.

2.3.3 EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

A função dos exercícios de aplicação é fazer com que o estudante possa colocar em prática o conhecimento linguístico adquirido por meio dos exercícios mecânicos e exercícios contextualizados.

Os exercícios mais comuns são as atividades em duplas e o *Role Play*.

Hoje em dia há muitos livros específicos para atividades em dupla ou em grupo, tais como “80 Communication Games for Japanese Language Teachers” (CAG TEACHING MATERIAL DEVELOPMENT GROUP, Japan Times, 1993), “Otasuke Tasuku” (ISHIDA et al, Kurosio, 2008). Exercícios de enquetes, entrevistas e troca de informações são muito comuns.

O *Role Play* é uma espécie de dramatização. Esta atividade consiste no professor atribuir papéis que os alunos terão que desenvolver como numa peça de teatro. Existem vários tipos de *Role Play*, mas os mais utilizados pelos professores são:

- a) O professor oferece uma parte da conversação pronta e os alunos precisam desenvolver o resto.
- b) O professor oferece a situação, os personagens e suas relações, o vocabulário e os tópicos gramaticais e os alunos têm que elaborar uma apresentação.
- c) O professor oferece aos alunos a ordem dos acontecimentos e baseando-se nestas informações os alunos devem elaborar uma apresentação.

(sistematização nossa baseada em KAWAGUCHI, 2005)

Um ponto positivo dos exercícios de aplicação é que essa é uma atividade onde o estudante é livre para criar seus próprios diálogos visualizando situações pelas quais possivelmente ele passará algum dia. Essa é a oportunidade que o aluno tem de expressar o conhecimento na qual vem trabalhando. O professor deve ficar atento nas apresentações e detectar os

possíveis erros que os alunos possam cometer e dar um *feedback* para os alunos depois das apresentações.

2.4 HABILIDADE DE FALA

O ato de falar não começa quando expressamos algo pela boca. Antes disso é preciso pensar no que falar e de que maneira falar e só depois é que expressamos alguma coisa (JAPAN FOUNDATION, 2007, p. 3). Isso acontece tanto com falantes nativos de línguas naturais como também com aprendizes de uma LE. O que os diferencia é que com os falantes nativos o processo acontece de forma mais rápida do que com os aprendizes de uma LE.

Para existir comunicação é necessário um falante e um ouvinte. E geralmente há um objetivo para que haja uma conversa. Esse objetivo pode ser um convite, uma pergunta, um favor, entre outros. (JAPAN FOUNDATION, op. cit. p. 5). Além disso, na comunicação há ainda três elementos importantes: diferença de informação, direito de escolha da forma de transmissão da mensagem e reação (JAPAN FOUNDATION, op. cit. p. 6). Vamos para uma breve explicação destes três elementos.

Quando há a necessidade de fazer alguma pergunta ou de transmitir um fato, de fazer um pedido, temos um caso de diferença de informação e a comunicação acontece para sanar estas diferenças (JAPAN FOUNDATION, op. cit. p. 6).

O direito de escolha se refere ao fato de as pessoas poderem escolher a forma de transmitir suas mensagens. Não existe uma forma fixa de falar, pois uma

mesma coisa pode ser dita de várias formas diferentes (JAPAN FOUNDATION, op. cit. p. 8)

A reação é um fator muito importante na comunicação, pois pode decidir a forma como a conversa tem continuidade. A reação de uma pessoa ao escutar algo faz com que o falante decida o que vai falar posteriormente (JAPAN FOUNDATION, op. cit. p. 8-9).

Assim, o ato de falar é um processo que implica em pensar o que e em como falar e de fato expressar oralmente esta informação. A comunicação entre o falante e o ouvinte se dá por meio do objetivo da conversa, da diferença de informação, o direito de escolher como falar e a reação que as pessoas expressam na conversa.

2.5 CRENÇAS

O que são crenças e por que é importante estudá-las no contexto do ensino-aprendizagem de LE?

A pesquisa sobre crenças é uma área de pesquisa relativamente nova. Iniciou-se no exterior nos anos 80 e nos anos 90 veio para o Brasil (BARCELOS, 2007, p. 111; MUKAI, 2012, p. 194).

Os estudos de crenças podem ser divididos em dois momentos diferentes. O primeiro momento, na década de 1980, se refere ao tempo em que as crenças eram tratadas como estáveis e imutáveis (MUKAI, op. cit., p.195) por se considerar que crenças são ideias preexistentes, concepções (HORWITZ, 1987) (apud MUKAI, 2012, p. 195). O outro momento, mais recente, concebe crenças como um resultado

das nossas experiências anteriores e presentes, baseadas na interação com as pessoas.

Barcelos (2006, p. 18) descreve crenças como:

Uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais.

Barcelos (2007, p. 114-115) concebe crenças como dinâmicas, pois elas podem mudar com o tempo; contextuais, pois estas nascem no contexto da interação que se cria com a sociedade e são também paradoxais, pois as crenças além de serem contextuais também são individuais, podem nascer de sentimentos e emoções e nem sempre aquilo em que se acredita é o que se faz na prática.

Neste estudo adotamos a definição de Barcelos (2007), pois acreditamos que as nossas crenças se formam a partir das nossas experiências de vida, da relação que nós temos com a sociedade e também a partir das experiências individuais.

As crenças podem ser divididas em (a) crença de estudantes, (b) crença de professores e (c) crenças de coordenadores e diretores escolares (MUKAI, op. cit. p. 196). Entre algumas crenças de estudantes pode-se citar: achar que é preciso ir ao exterior e que é preciso falar como um falante nativo ao se aprender outra língua (BARCELOS, 2007. p. 112). Acreditar não ser possível aprender inglês nas escolas públicas é um exemplo de crença de professores, como demonstrou Barcelos (idem).

O estudo das crenças é extremamente importante no âmbito pedagógico. Mukai (2012, p. 194) aponta que há diferenças entre a forma de pensar dos

professores e estudantes e estar consciente destas divergências pode prevenir conflitos, uma vez que se torna possível fazer acordos para convergir os interesses de ambas as partes (BARCELOS, 2007, p. 111).

É imprescindível para o professor estar consciente das crenças dos alunos, pois isso pode influenciar na escolha das abordagens e métodos utilizados em sala de aula (BARCELOS, *idem*).

Uma vez que se sabe das crenças de alunos, professores e demais pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem, é possível traçar um panorama para descobrir a situação em que se encontra determinado curso. Se algo estiver fora do esperado é possível tomar atitudes que levem à mudança de postura, mesmo que a mudança de crenças seja algo muito difícil de acontecer, não é impossível (BARCELOS, *op. cit.*).

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

3.1 MÉTODO

Nesta pesquisa, utilizaremos o método qualitativo.

Uma pesquisa qualitativa se caracteriza por ser: (a) naturalista (ocorre em contextos naturais), (b) descritiva (os dados coletados não são quantificados, mas tomam a forma de palavras), (c) processual (não se preocupa com resultados), (d) indutiva (não se buscam evidências que comprovem hipóteses) além de (e) buscar significados (se preocupa com os significados construídos pelos participantes da pesquisa) (VIEIRA-ABRAHÃO, 2006).

Utiliza-se da pesquisa qualitativa quando o objetivo é estudar a fundo um assunto. Dessa forma pode-se colher informações detalhadas do alvo da pesquisa. Ao contrário da pesquisa quantitativa, o resultado de uma pesquisa qualitativa não pode ser generalizado.

Os objetivos deste estudo envolve, entre outras coisas, verificar profundamente a realidade do curso, analisar os métodos e técnicas e investigar as crenças dos alunos e da professora em relação aos métodos e técnicas utilizados em sala de aula.

3.2 NATUREZA

A natureza desta pesquisa será o estudo de caso. O estudo de caso é qualitativo e permite focar em uma única entidade para buscar conhecer a fundo todas as características do objeto de estudo (JOHNSON, 1992).

O objeto de um estudo de caso pode ser um indivíduo, seja um aluno ou professor, uma classe, uma comunidade ou uma instituição.

De acordo com Johnson (1992, p. 76), o estudo de caso

pode nos informar sobre os processos e estratégias que aprendizes de uma segunda língua usam para se comunicar e aprender, sobre como as suas próprias personalidades, atitudes e objetivos interagem com o ambiente de aprendizagem e sobre a natureza precisa de seus desenvolvimentos linguísticos. (Tradução nossa²)

3.3 CONTEXTO

3.3.1 Descrição do curso de Língua Japonesa

Como Mukai (2009) e Feijó (2010) relatam em seus trabalhos, o curso de Letras-Japonês de uma universidade do Distrito Federal é dividido em duas etapas, onde a primeira é o nível básico com duração de 4 semestres. O nível intermediário vai do quinto ao oitavo semestre e tanto o nível básico como o nível intermediário

² No original: "They can inform us about the processes and strategies that individual L2 learners use to communicate and learn, how their own personalities, attitudes, and goals interact with the learning environment, and about the precise nature of their linguistic growth."

contam com aulas teóricas e práticas. O nono semestre é dedicado ao Trabalho de Conclusão de Curso.

3.3.2 As aulas de Japonês - Expressão Oral 1

A matéria “Japonês - Expressão Oral 1”(doravante JEO1) é uma matéria não obrigatória oferecida no quinto semestre do curso de Letras-Japonês. É uma matéria de 2 créditos, ou seja, uma aula por semana com duração de 1 hora e 40 minutos. Ao final do semestre são contabilizados 15 encontros totalizando 30 horas aula. As aulas são oferecidas todas as quintas-feiras, no segundo horário (de 20:50 às 22:30).

No semestre (1^a/2012), segundo o plano de ensino, as aulas de JEO1 foram divididas da seguinte forma:

- a) Auto-apresentação;
- b) Apresentação da família;
- c) Descrição;
- d) Narração e
- e) Debate.

Serão gastas aproximadamente duas aulas para cada tema listado acima.

Há uma regra na sala de aula. Da porta para dentro só é possível usar as construções da língua japonesa. Isso significa que em alguns momentos, quando os alunos não sabem determinada palavra, eles podem falar só essa palavra em

português, mas a construção frasal tem que ser em japonês. Em outras palavras, é mais valorizado o fato de o aluno se esforçar para falar em japonês do que a bagagem do léxico que cada um tem.

Neste semestre, a professora de JEO1 trabalhou de forma concatenada com a professora de Japonês – Expressão Escrita 1. Ou seja, foi solicitado aos alunos que tudo o que foi trabalhado nas aulas de JEO1 fosse transcrito para alguma forma textual nas aulas de Japonês – Expressão Escrita 1.

As aulas ainda contam com a presença de um monitor. O monitor é um falante nativo da língua japonesa e auxilia a professora e os alunos quando estes têm dúvidas sobre alguma palavra em japonês e ainda escreve *kanji* no quadro para sanar as dúvidas dos alunos (a professora sempre explica palavras desconhecidas dos alunos escrevendo no quadro e falando o significado dos *kanji*). Além disso, o monitor está sempre enriquecendo a aula fazendo comparações culturais entre o Brasil e o Japão.

3.4 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da presente pesquisa foram a professora e sete alunos da disciplina JEO1 (nível intermediário).

A professora, brasileira com ascendência japonesa, já leciona há mais de 40 anos e tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. Graduou-se numa universidade no estado de São Paulo em Língua e

Literatura Japonesa, fez o mestrado em Letras Japonesas no Japão e o doutorado em Linguística numa universidade no estado de São Paulo.

Dos sete alunos, todos os alunos da turma, exceto um aluno, participaram do questionário e entrevista.

Atribuimos um nome fictício a cada participante para que a identidade do participante da pesquisa fosse resguardada.

Como os alunos do nível intermediário já haviam aprendido a gramática básica da língua japonesa e estão buscando melhorar a habilidade de fala, essa turma se mostrava ideal para a coleta de dados.

TABELA 1– CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES

Nome	Sexo	Semestre no curso	Idade
Patrícia	Feminino	5° Semestre	22
Sheila	Feminino	5° Semestre	20
Israel	Masculino	5° Semestre	23
Luan	Masculino	5° Semestre	20
Otávio	Masculino	5° Semestre	26
Alex	Masculino	5° Semestre	23
Marco	Masculino	Não respondeu	Não respondeu

3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foram usados os seguintes instrumentos:

- a) Questionário misto [1] (aplicado ao professor) (doravante Q1);
- b) Questionário misto [2] (aplicado aos alunos) (doravante Q2);
- c) Observação de aulas com notas de campo;
- d) Gravações das aulas em áudio;
- e) Entrevistas semiestruturadas (aplicadas ao professor [doravante E1] e aos alunos [doravante E2]) com gravação em áudio.

Com o objetivo de obter um resultado o mais verossímil possível, após a coleta de dados por meio dos instrumentos listados acima, foi feita a triangulação dos dados. A triangulação dos dados consiste em cruzar as informações dos diferentes instrumentos utilizados no estudo, ou seja, cruzar os dados dos questionários, das observações de aula e das entrevistas semiestruturadas.

3.5.1 Descrição dos instrumentos

Questionário misto

Como discorrem Barcelos e Abrahão (2006), os questionários com perguntas fechadas são compostos de questões predeterminadas, que visam colher dados específicos sobre o assunto a ser pesquisado. A principal vantagem do questionário é que, como o conhecimento que se busca é controlado por perguntas, as respostas costumam ser precisas e claras.

O questionário misto é aquele onde se mesclam perguntas do tipo aberta e fechada. Perguntas abertas são aquelas que demandam respostas livres dos

participantes e assim torna-se possível explorar as respostas com teor pessoal, as crenças e opiniões (BARCELOS e ABRAHÃO, 2006). Por outro lado, perguntas fechadas são aquelas onde o pesquisador fornece opções para os participantes assinalarem a opção que mais se adequa à sua opinião.

Neste estudo, o questionário misto tem o objetivo de fazer um primeiro levantamento a respeito das crenças dos participantes a respeito das abordagens, dos métodos e das técnicas utilizadas pela professora em sala de aula.

Observação de aulas com notas de campo

As observações de aulas consistem na documentação sistemática dos acontecimentos dentro da sala de aula, onde o observador fará anotações que sejam importantes (notas de campo) para os tópicos de investigação. Há dois tipos de observador, o observador participante e o não participante. Na presente pesquisa o observador foi o não participante, para tentar minimizar ao máximo a influência que a simples presença do investigador em sala de aula pudesse causar nos alunos.

O uso deste instrumento de coleta de dados servirá para que a observadora verifique os métodos e técnicas utilizados pelo professor em sala de aula e para observar a reação dos alunos mediante o uso destes métodos e técnicas.

É importante ressaltar que no meio do semestre houve uma quebra no ritmo das aulas devido à greve³ dos professores universitários. Dessa forma, as aulas observadas foram:

³ A greve teve início no dia 18/05/2012 e se estendeu até o dia 20/08/2012.

TABELA 2 – CARACTERÍSTICAS DAS AULAS OBSERVADAS

Data	Tema	Forma de abordar o assunto
10/05/2012	Narração	A partir de leitura de textos
17/05/2012	Narração	A partir de vídeo
Greve		
06/09/2012	Debate	Sobre montanha X praia; e gatos X cães
13/09/2012	Debate	Sobre <i>kanji</i> X letras romanas

Gravação das aulas em áudio

Mesmo que haja a observação de aula com notas de campo é impossível acompanhar todos os detalhes dos acontecimentos dentro da sala de aula. As gravações em áudio auxiliam na hora da análise, uma vez que é possível escutar quantas vezes forem necessárias os tópicos de investigação.

Entrevista semiestruturada com gravação

O objetivo da entrevista neste trabalho é colher as informações que não foram possíveis colher nos questionários e observação de aula. A partir dos questionários serão formuladas algumas perguntas, mas no decorrer da entrevista há a possibilidade de surgirem outras questões que sejam pertinentes ao assunto. Isso possibilitará uma coleta de dados mais minuciosa.

Depois da entrevista com a professora e alunos, fizemos a transcrição, mas não estabelecemos as regras para identificar os momentos de pausa, risos, momentos reflexivos ou ênfase nas palavras. Quando necessário, usamos aspas e palavras em itálico para reforçar a ênfase que os entrevistados deram a certas palavras ou ainda para identificar o uso coloquial.

3.6 A COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre letivo de 2012. Pedimos aos participantes que nos entregassem, primeiramente, os questionários mistos. A maioria dos participantes nos entregaram os questionários mistos antes da greve começar e alguns nos enviaram as respostas por e-mail. Depois, partimos para as entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas como segue:

TABELA 3: ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (E1 e E2)

Nome	Data da entrevista	Duração da entrevista
Professora	03/09/2012	25'23''
Otávio	14/09/2012	18'15''
Alex	14/09/2012	23'04''
Luan	17/09/2012	14'14''
Patrícia	17/09/2012	8'08''
Israel	19/09/2012	24'47''
Sheila	19/09/2012	18'45''

As entrevistas foram realizadas em salas da universidade.

Concomitantemente à aplicação dos questionários mistos e à realização das entrevistas semiestruturadas, realizamos a observação das aulas. Assistimos a quatro aulas, nos dias: 10/05, 17/05, 06/09 e 13/09/2012.

3.7 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS

Após a coleta de dados a análise foi feita seguindo a seguinte ordem:

- a) Identificação das abordagens, métodos e técnicas da professora;
- b) Identificação das crenças dos alunos;
- c) Descrição e agrupamento das abordagens, métodos e técnicas da professora;
- d) Descrição e agrupamento das crenças dos alunos;
- e) Triangulação dos dados;
- f) Análise e interpretação.

A análise dos dados se deu da seguinte forma: primeiro foram analisados os dados coletados com a professora e posteriormente os dados coletados com os alunos.

CAPÍTULO IV – RESULTADOS

Apresentamos os resultados obtidos por meio da coleta de dados. É importante ressaltar que durante a coleta de dados houve a greve dos professores, já referida anteriormente, que durou cerca de 90 dias. Acreditamos que este fato tenha exercido algum tipo de influência nos resultados obtidos, como pode ser observado na fala de um aluno ao ser perguntado se estava sentindo dificuldade nas aulas ao retornar da greve:

[1] Tô. Acho que no começo do semestre eu *tava melhorzinho* um *pouquinho*.(...) Muito tempo sem ver língua japonesa dá umas travadas de vez em quando. (Alex, E2⁴)

Os resultados serão apresentados seguindo a ordem de análise. Assim, temos: análise das abordagens, métodos e técnicas utilizadas pela professora e suas crenças em relação aos mesmos, algumas considerações dos alunos sobre a habilidade de fala e suas crenças e análise das crenças dos alunos em relação à abordagem, métodos e técnicas utilizadas pela professora nas aulas de JEO1.

4.1 ANALISANDO AS ABORDAGENS, OS MÉTODOS E AS TÉCNICAS UTILIZADAS PELA PROFESSORA E SUAS CRENÇAS

⁴ E2 se refere à entrevista semiestruturada feita com os alunos.

Faremos a análise considerando o modelo hierárquico dos conceitos de abordagem, método e técnicas apresentados no capítulo 2.

Como foi visto, a abordagem é a ideia mais ampla, onde estão incluídos os pressupostos teóricos e as crenças do professor a respeito da língua e da aprendizagem.

A abordagem adotada pela professora está centrada na crença de que a língua é uma atividade cognitiva e a aprendizagem acontece por meio da internalização das regras que regem essa atividade (LEFFA, 1988, p. 212), como pode ser constatado no seguinte trecho:

[2] Pra mim ensinar o japonês é ensinar a estrutura da frase, em primeiro lugar. (...) Por que que eu falo que ensinar a estrutura é importante? Ao meu ver é o caminho mais rápido para um aluno entender uma língua. (...) Leitura de texto é onde o aluno vai encontrar, digamos assim, o monumento final. (professora, E1⁵)

No Q1 pedimos que a professora enumerasse de um a seis os domínios mais importantes nas aulas de língua japonesa, sendo um o mais importante e seis o menos importante. A professora classificou da seguinte forma:

- | | |
|---|------------------------------|
| (1) escrita (inclusive <i>kanji</i>) e vocabulário | (4) competência comunicativa |
| (2) gramática | (5) competência auditiva |
| (3) interpretação de texto | (6) redação |

[3] Parto do princípio de que quem sabe ler pode aprender a falar em situação de imersão, mas a recíproca não é verdadeira. Razão pela qual dou maior ênfase à leitura e compreensão de texto. (professora, Q1⁶)

⁵ E1 se refere à entrevista semiestruturada feita com a professora.

⁶ Q1 se refere ao questionário aplicado à professora.

Conforme o resultado acima, a professora acredita que a escrita e a gramática são mais importantes no ensino de língua japonesa. Assim, pode-se dizer que a crença da professora está relacionada com a abordagem da gramática tradução (LEFFA, op. cit. p.214), onde é dado bastante ênfase nas estruturas gramaticais e nos textos literários.

Ainda podemos inferir a partir da citação [3] que a professora acredita que das quatro habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever) a mais importante é a habilidade de leitura, logo, ler é mais importante do que falar. No entanto, observa-se que esta crença não influencia o andamento das aulas de JEO1, como veremos adiante.

É importante ressaltar que a professora já tem mais de 40 anos de experiência em salas de aula⁷ e que sua especialização não é a linguística aplicada, como ela mesma diz ao ser indagada se ela se identifica com a abordagem gramática-tradução.

[4] Pode ser. (...) Quando eu dou a gramática eu não dou a gramática como um fim, mas é como um meio. É o meio pra ele [o aluno]⁸ entender, tá? Então o objeto não é a gramática, mas é usar a gramática, por isso que eu também estou fazendo a linguística aplicada, porque eu estou usando a gramática para chegar à compreensão, entendeu? (professora, E1)

Levando em consideração o conceito de método de Leffa abordado no capítulo 2, e como foi visto no item 3.3.2 deste trabalho, podemos dizer que a professora organizou o seu método, o seu plano de ensino, da seguinte forma:

⁷ Informação obtida através do Q1.

⁸ Acréscimo nosso.

TABELA 4 – SISTEMATIZAÇÃO DO MÉTODO DE JEO1-1/2012

Quantidade de aulas	O que foi trabalhado	Tema
Não foi observado	Auto apresentação	Não foi observado
Não foi observado	Apresentação da família	Não foi observado
Não foi observado	Descrição de um espaço, objeto, lugar	Não foi observado
2	Narração	Texto sobre golfinhos, Texto sobre formigas
		Vídeo intitulado “Yan-san to Nihon no hitobito (ヤンさんと日本の人々)
4	Debate	Montanha X Praia; Cães X Gatos
		<i>Kanji</i> X Letras romanas
		<i>Kanji</i> X Letras romanas
		A favor do consumo de carne X Contra o consumo de carne

Percebemos que a professora dribla a dificuldade de criar situações para o treino da habilidade de fala em sala de aula, organizando os tópicos a serem trabalhados primeiramente com assuntos de dificuldade menor partindo para a dificuldade maior. E mesmo em cada aula, ela sempre começa fazendo perguntas sobre as experiências dos alunos, criando assim um ambiente agradável à conversa.

[5] Tem que ser situações do cotidiano, ou possibilidade de situação do cotidiano do aluno, da faixa etária deles e que faça eles recorrerem a situações vividas no dia a dia. (...) Então é um pouco isso, aproximar ao máximo ao dia a dia, à realidade. (...)

Foi interessante porque trouxe a experiência realmente vivida. (professora, E1)

Dessa forma a professora cria uma situação de imersão artificial, como ela mesma explica:

[6] Existe imersão natural e existe imersão artificial. Tá? Imersão pra mim é, a pessoa ouvir o japonês o tempo todo, pelo menos naquele momento. (...) Você pode criar uma situação artificial de imersão que é o professor falar normalmente sem estar ralentando nem nada, e obrigar o aluno a chegar lá. (...) Então, isso é o que eu chamo de imersão artificial. Por exemplo numa sala de aula em que você proíbe o uso da língua portuguesa e o professor entra falando japonês. (professora, E1)

Quando questionada sobre o método utilizado em sala de aula, a professora responde:

[7] Basicamente o *input* natural. (professora, Q1)

E especificou a resposta dizendo:

[8] Eu dou o tema e falo: agora vocês começam a falar. (...) Então, *input* que eu digo é nesse sentido, (...) é fazer com que a coisa entre sem estar explicando, porque é oralidade. (professora, E1)

Podemos inferir que o “*input* natural” a que a professora se refere está relacionado com o método direto, onde a professora e os alunos se comunicam apenas na língua-alvo. Ou ainda com a abordagem comunicativa, onde o foco da

aula é a comunicação na língua-alvo utilizando-se de materiais autênticos como foram os textos utilizados na primeira aula observada (cf. Apêndice 8).

Quanto às técnicas utilizadas em sala de aula, que tivemos a oportunidade de observar, podemos citar: leitura de textos, uso de vídeo, uso de brincadeiras de adivinhação, debates e conversas sobre o dia a dia dos alunos.

Técnicas como exercícios de repetição e exercícios de acréscimo de elementos na frase não são utilizadas nessa matéria, pois a professora os considera muito desapropriados para o nível de conhecimento que os alunos já têm, o que reitera o que foi discutido no item 2.3.1.

Podemos afirmar que quando a professora inicia a aula com perguntas mais brandas para mais tarde entrar em assuntos mais complexos, nesse momento a professora utiliza a técnica dos exercícios contextualizados, que é justamente iniciar uma conversa por meio de perguntas e respostas. Com relação aos exercícios de aplicação, podemos inserir aí o debate. O debate é a oportunidade que o aluno tem de expressar suas ideias e opiniões acerca de algum assunto.

Nas aulas em que a professora estava exercitando o debate, era possível notar os processos que estão envolvidos no ato de falar, discutidos no item 2.4. Depois que a professora propunha o tema a ser debatido os alunos demoravam um tempo para pensar o que iam falar e como fariam, mas praticavam e o resultado no final da aula era que todos haviam exposto suas opiniões, mesmo com certa dificuldade.

A professora acredita que para maximizar a habilidade de fala dos alunos é preciso ter contato com a língua japonesa mais vezes durante a semana. E de uma forma mais ampla, pensar um curso de prática oral à parte, desde o segundo semestre do curso de Letras-Japonês.

[9] Eu acho que dever-se-ia pensar num curso de prática totalmente separado das lições. Então eu acho que tem que organizar um curso de prática oral, já desde o segundo semestre, se possível. (professora, E1)

[10] E infelizmente a gente só tem uma vez por semana. Então você só tem dali a uma semana, né? (professora, E1)

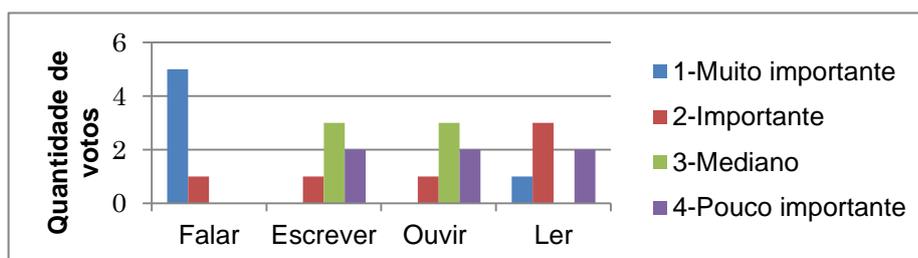
4.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A HABILIDADE DE FALA E SUAS CRENÇAS

Como vimos nos item 2.5 deste trabalho, as crenças têm origem nas nossas experiências de vida, no meio em que vivemos, podem ser pessoais, aparecer por meio do contexto e são dinâmicas (BARCELOS, 2006).

A partir das opiniões dos alunos, foi possível tecer algumas considerações importantes a respeito da habilidade de fala.

Os alunos acreditam que dentre as quatro habilidades linguísticas (falar, escrever, ouvir e ler) a mais importante é a habilidade de falar, como pode ser atestado pelo gráfico a baixo:

GRÁFICO 1 – QUAL A HABILIDADE LINGUÍSTICA MAIS IMPORTANTE?



Observação: Informação obtida por meio do Q2, onde foi solicitado que os alunos enumerassem de 1 a 4 as habilidades linguísticas, sendo 1 a mais importante e 4 a menos importante.

E explicam melhor suas escolhas dizendo:

[11] É essencial. Pra mim língua tem a ver com comunicação. Então, em português mesmo, se uma pessoa é muda, já atrapalha muito na comunicação. Então se você sabe japonês, mas só sabe ler, já tá com metade da comunicação. Você perde né? Alguns quesitos. (...) o falar pra mim é uma questão, não principal, mas uma questão de emprego. (Israel, E2)

[12] Com certeza é importante. Porque como eu te falei, na comunicação é basicamente a fala, então, você tem que ter a iniciativa de poder falar e expressar o que você quer dizer e o que tem na sua cabeça. (Otávio, E2)

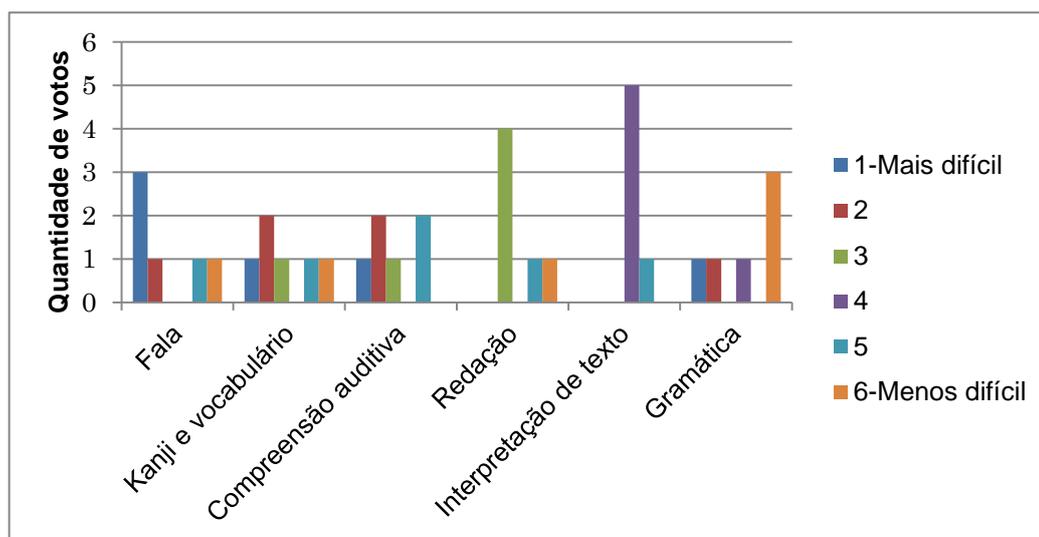
[13] É muito importante. Principalmente pra mim que gosto de cultura japonesa, então como a língua faz parte da cultura, então ela facilita mais você se introduzir na própria cultura. (Alex, E2)

Pode-se inferir que a habilidade de fala é considerada importante por três fatores principais: a comunicação, a questão profissional e a cultura. A habilidade de falar a língua japonesa fará com que os alunos possam estabelecer meios de comunicação com outras pessoas, mantendo assim, as relações sociais, que é uma das principais funções da língua (NUNAN, 1989, p. 27), como pode ser observado nas citações 11 e 12. Pode ser que a habilidade de fala da língua japonesa exerça um papel importante profissionalmente na vida dos alunos (cf. citação [11]). E por último, há a crença de que o falar a língua japonesa é uma ferramenta para compreender a cultura do Japão (cf. citação [13]).

Observamos também que ao mesmo tempo que a habilidade de fala da língua japonesa é importante, os alunos a consideram muito difícil.

Em questão de dificuldade, metade da turma admite ser a fala a opção mais difícil dentre a gramática, fala, redação, escrita e vocabulário, compreensão auditiva e interpretação de texto, como pode ser observado no gráfico abaixo:

GRÁFICO 2 – MAIOR DIFICULDADE EM SALA DE AULA



Observação: Dados obtidos por meio do Q2, onde foi solicitado que o aluno enumerasse de 1 a 6 as opções de acordo com o grau de dificuldade, sendo o 1 a maior dificuldade e 6 a menor.

As causas da crença de que falar a língua japonesa é difícil são muitas e variadas. Sistematizando o que os alunos falaram, podemos citar: a falta de vocabulário, a falta de contato com a língua, a expectativa do professor em relação ao conhecimento do aluno, nervosismo e a estrutura gramatical da língua japonesa que difere muito da estrutura gramatical da língua portuguesa.

Ao pedir que os alunos fizessem uma autoavaliação sobre o seu desempenho nas aulas de JEO1 e sobre o desempenho de sua habilidade de fala na língua japonesa de uma forma geral, obtivemos o seguinte resultado, onde a nota 1 se refere à nota que o aluno deu para o seu desempenho nas aulas de JEO1 e a nota

2 se refere à nota que o aluno deu para o desempenho extraclasse de sua habilidade de fala:

TABELA 5 - AUTOAVALIAÇÃO

Nome	Nota 1	Nota 2
Patrícia	8	5
Sheila	6	7,5
Israel	9	6
Luan	6	6
Otávio	5	2
Alex	8	6

É interessante observar que, com exceção de Sheila e Luan, os demais atribuíram uma nota maior para o seu desempenho nas aulas de JEO1. Isso pode refletir que, apesar de os alunos se esforçarem para desenvolver a habilidade de fala na sala de aula e aparentemente estarem satisfeitos com os seus desempenhos nas aulas de JEO1, quando eles se deparam com uma situação de uso da língua japonesa fora da sala de aula, eles ainda não se sentem preparados ou sentem dificuldade, conforme indicam as notas 2 acima. Talvez essa diferença possa ser diminuída quando os alunos enfrentarem a situação de “imersão natural” a que a professora se referiu no item 4.1, citação [6].

Quando questionados sobre qual era o nível de oralidade que eles gostariam de alcançar, as respostas foram:

[14] Ser fluente mesmo. Poder conversar de todos os assuntos com os japoneses. Os nativos. Sem travar ou esquecer. (Patrícia, E2)

[15] Fluência. (...) manter uma conversa sem ter que ficar pensando demais... [Queria falar como um nativo?⁹] É quase isso. (...) Não precisa chegar a perfeição. O suficiente. (Sheila, E2)

[16] Inicialmente minha meta era a perfeição, mas não dá. [Perfeição para você seria o quê?] Falar que nem japonês. Não igual, mas conseguir expressar tudo possível. (Israel, E2)

Todos almejam a fluência da língua japonesa, principalmente o desenvolvimento da habilidade de fala. Mas estão conscientes de que ainda falta um certo caminho a ser percorrido e é possível atestar isso pelas notas que se deram quando indagados sobre o desempenho da habilidade de fala no contexto extraclasse (nota 2).

Sheila, quem atribuiu uma nota baixa ao seu desempenho nas aulas de JEO1, destaca a importância do ambiente onde estuda o japonês, afirmando que num ambiente familiar, não se sente muito pressionada.

[17] Eu acho que também tem a ver com o ambiente, porque no outro curso, eu me sinto mais à vontade. (...) E também quando eu tô perto dos amigos que fazem o mesmo curso, aí eu acho mais fácil (...) quando tem pessoas conhecidas a gente se sente mais à vontade. (Sheila, E2)

Identificamos alguns sentimentos dos alunos quando não conseguem se expressar oralmente da forma que eles gostariam. Palavras como frustração, nervosismo, desespero e incapacidade traduzem bem estes sentimentos. Apesar da

⁹ Pergunta feita pela entrevistadora entre colchetes.

existência destes sentimentos, acreditamos que isso não é um fator desmotivacional se lembrarmos das metas dos alunos apresentadas há algumas linhas atrás.

[18] Eu fico nervosa. Assusta. (Patrícia, E2)

[19] Frustração. Muita frustração. (Sheila, E2)

[20] Eu sinto, poxa, devia ter estudado mais. Caramba! (Israel, E2)

[21] Eu fico meio que desesperado procurando alguma outra palavra. (Luan, E2)

[22] É simplesmente incapaz e aí você vê que você precisa estudar mais, precisa praticar mais. (Otávio, E2)

[23] Eu me sinto meio desesperado às vezes. Aí eu fico tentando falar e não vai saindo, daí a pessoa vai se contorcendo. (Alex, E2)

Para reverter a situação de desespero ou dificuldade, os alunos desenvolveram algumas estratégias. Nesses momentos eles geralmente (1) procuram usar sinônimos ou fazer uma colocação com palavras diferentes, mas que se aproximam do sentido que eles estão querendo expressar. Também fazem uso de (2) mímica (gestos), (3) falar palavras sem a estrutura gramatical, na intenção do interlocutor deduzir o que o falante deseja transmitir e (4) o uso de dicionário.

Os alunos estão conscientes do que é necessário fazer para alcançarem os seus objetivos. Quando perguntamos o que cada um deveria fazer para melhorar o seu desempenho nas aulas, as respostas foram:

[24] Pesquisar anteriormente os vocabulários. (Patrícia, E2)

[25] Perder a vergonha e falar mais. (...) eu realmente tenho que praticar mais, porque agora eu realmente ando com pouco tempo. Porque é trabalhando, é estudando... (Sheila, E2)

[26] Eu poderia ter lido mais coisas. Passaram os textos, né? (...) Eu poderia ter lido melhor alguns assuntos pra falar. Ter mais argumentos, né? (Israel, E2)

[27] Ainda falta treino. Eu tô treinando, mas falta um pouco. Porque na hora que acontece, falar japonês é... Trava, não consigo falar e esqueço, apelo pro português, que não é o objetivo, né? (Luan, E2)

Assim, concluímos que os alunos estão cientes de seus objetivos e também do que é necessário para alcançar estes objetivos. Eles sentem que precisam adquirir mais vocabulário, pesquisar sobre os diversos assuntos para ter mais argumentos para discutir, ter mais oportunidades de praticar a língua japonesa e quando estas oportunidades chegarem é preciso se esforçar mais para falar, mesmo cometendo erros.

[28] Mas acho que mais importante do que o estudo pra conseguir confiança, é você ficar tentando falar, mesmo errando. (...) Eu sabia que tava errando, às vezes não sabia. Às vezes ele me corrigia, às vezes só pelo rosto eu via que errava. Então eu acho que vai muito da tentativa assim, né? Eu acho que é o mais importante pra conseguir confiança. (Israel, E2)

4.3 CRENÇAS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO ÀS ABORDAGENS, MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS PELA PROFESSORA NAS AULAS DE JEO1

Após uma breve análise sobre as crenças dos alunos em relação a habilidade de fala, passaremos às considerações destes sobre a abordagem, método e técnicas utilizadas pela professora em sala de aula.

Para começar, vamos entender porque os alunos decidiram cursar uma matéria optativa na grade do curso Letras – Japonês. Reproduzimos da mesma forma que os alunos haviam escrito, incluindo os erros gramaticais e ortográficos.

[29] Para melhorar a compreensão auditiva, vocabulário e talvez perder um pouco da insegurança na hora de falar japonês. (Sheila, Q2¹⁰)

[30] Porque acho essencial o treino no mínimo semanal para o desenvolvimento da língua japonesa. (Israel, Q2)

[31] Justamente para me ajudar a melhorar o ato da fala e compreender melhor o que as outras pessoas dizem. Quero “desbloquear” a minha fala de japonês. (Alex, Q2)

Os alunos sentem a necessidade de aprimorar as suas capacidades de se expressarem oralmente na língua japonesa. Como vimos anteriormente, as chances deles praticarem a língua são poucas e, para suprir essa necessidade, eles se matricularam na matéria JEO1.

Ao falar sobre as abordagens, métodos e técnicas empregados pela professora, os alunos demonstram certa falta de conhecimento do vocabulário e listam principalmente as técnicas que a professora utiliza em sala de aula. Comprova-se aqui que a professora utiliza o método direto e a abordagem

¹⁰ Q2 se refere ao questionário misto aplicado aos alunos.

comunicativa, pois a maioria dos alunos citam o uso da língua japonesa para conversar sobre os temas propostos.

[32] Ela escolhe temas para discussão, escolhe alguns textos e passa alguns vídeos. (Luan, Q2)

[33] Discussão de temas, descrição de fatos e cenários, coisas que tragam vocabulário útil ao dia a dia. (Otávio, Q2)

[34] Busca nos exercitar para interagirmos mais com outras pessoas, fazendo com que contemos histórias, brincadeiras interativas e dinâmicas. (Alex, Q2)

Relembramos aqui que a regra da matéria JEO1 é que o aluno se expresse somente na língua japonesa. É possível utilizar palavras em português quando não souber alguma palavra, mas a estrutura da frase tem que ser a estrutura da língua japonesa. A maioria dos alunos aprova essa abordagem, como pode ser visto por seus comentários:

[35] Pra mim é bom. Vai aprender meio que na marra, mas vai aprender. Porque se não falar só o japonês às vezes pode ser que não pratica. E se não praticar muito o japonês, não tem como aprender a língua, nem falar direito. (Luan, E2)

[36] Isso é ótimo, porque estimula a gente a falar, entendeu? (Otávio, E2)

[37] É bom. Acho que não tem nenhuma outra matéria que faz assim. A gente tá sempre se comunicando, (...) ou você fala alguma coisa ou você fica calado. E no caso, ficar calado na aula não vai ajudar bastante. (Alex, E2)

Os alunos se mostram muito satisfeitos com a forma que a professora conduz a aula, sempre sendo cobrados para conversar em japonês. Podemos inferir que eles se sentem desafiados e isso pode ser um fator motivacional importante. Pedimos que os alunos atribuíssem uma nota às abordagens, métodos e técnicas que a professora utilizava em sala de aula e o resultado foi o seguinte:

[38] 10. Ela é uma ótima professora. Tem muita experiência didática mesmo. (Patrícia, E2)

[39] 8. Acho que 8. (Sheila, E2)

[40] Acho que 9 (...) Eu acho muito bom, mas... Só essa questão de (...) ir um pouco mais em cima em quem não tá rendendo. (Israel, E2)

[41] Eu não acho falha nenhuma. Então pra mim eu considero 10, né? (Luan, E2)

[42] (...) Eu acho que vou dar 9. (Otávio, E2)

[43] Eu dou 10, com certeza. (Alex, E2)

Os alunos apreciam o fato da professora começar com temas mais brandos e de fácil desenvoltura. Gostam também dos temas mais próximos às suas realidades, pois se sentem mais seguros ao falar de coisas que têm domínio. Gostam de falar de suas próprias experiências. Estimular a fala de assuntos mais fáceis para assuntos mais difíceis é uma ótima estratégia utilizada em sala de aula. Outros recursos que os ajudaram a desenvolver a habilidade de fala foi o uso de vídeo. Os alunos assistiram e detectaram vários aspectos culturais diferentes e isso provocou uma discussão intensa com troca de informações entre os alunos, a professora e o monitor.

O debate é outra atividade que merece destaque. A professora sempre perguntava a opinião dos alunos antes de iniciar o debate. E então, propositalmente, formava os grupos de forma que aqueles que eram a favor de certo assunto ficassem no grupo daqueles que iriam se posicionar contrariamente. Essa técnica utilizada pela professora parece ter dois efeitos contrários:

[44] Esse tema do debate mesmo, por exemplo, e ainda mais tendo vergonha e tendo que falar em japonês, e defendendo uma opinião que às vezes nem é a sua opinião verdadeira, torna tudo mais complicado. (Sheila, E2)

[45] Esse negócio do debate é legal. O último da romanização do japonês. Eu sempre achei que eu fosse contra. Mas ela me colocou num grupo a favor, assim. Então, como eu tive que me forçar a ver ponto a favor, eu acho que me forçou a usar mais a língua. (Israel, E2)

De uma forma geral, acreditamos que esta atividade tem resultados positivos. No começo os alunos apresentavam certa dificuldade de se expressar contrariamente àquelas crenças que eles têm, mas este também é um treino de desenvolvimento de argumentos, o que serve de exercício não só da língua japonesa, mas também de uma forma geral, para a vida.

O nível de satisfação dos alunos com a abordagem, o método e as técnicas utilizadas pela professora é muito alto. A maioria se diz muito satisfeito só pelo fato da aula ser ministrada só em japonês, o que revela que os alunos sentem falta de mais aulas neste formato.

[46] É uma aula de prática e a gente tá fazendo muita prática e a *sensei* [professora¹¹] não pega um livro e pede pra ler. Não. Ela conversa. Então pra mim esse método é bom para a prática oral, porque é meio que aleatório. Você não sabe o que vai vir. Ela tá te preparando para alguma coisa assim. Se você vai falar com um japonês não tem um texto pronto, você tem que se virar, né? (Luan, E2)

[47] Como eu disse, a matéria tá sendo trabalhada de uma forma interessante, os assuntos que ela traz pra gente trabalhar, pra gente descrever, ajuda muito na aquisição de vocabulário, ajuda na utilização do que a gente já sabe, né? (Otávio, E2)

Apesar do alto grau de satisfação, algumas sugestões foram feitas.

Sistematizando as sugestões dos alunos, temos:

- a) Entrega prévia de material de apoio em que os alunos possam estudar o vocabulário que provavelmente será utilizado em sala de aula;
- b) Estímulo aos alunos que participam pouco das atividades, seja fazendo perguntas, seja pedindo a opinião deles;
- c) Mais tarefas de casa¹² e
- d) Abordagem de temas do interesse dos alunos.

Em relação ao desenvolvimento da habilidade de fala, os alunos estão cientes de como isso acontece e o que é necessário para continuar desenvolvendo-a.

[48] É questão de conversação. Então eu acho que é mais por interesse dos alunos, mesmo fora da sala de aula. (Sheila, E2)

[49] Com estudante, a motivação é muito difícil. Tem que ter a motivação. Acho que esse é o ponto básico, a motivação. (Israel, E2)

¹¹ A palavra *sensei* (先生) em japonês significa “professor(a)” em português.

¹² Essa sugestão foi dada somente por um aluno, o que talvez não represente a vontade da maioria. O próprio aluno disse que a maioria não iria gostar dessa sugestão, mas na sua opinião, como o tempo de contato com a língua japonesa em sala de aula é pouco, as tarefas seriam uma forma de compensação.

[50] Em sala de aula, a oralidade se desenvolve através da prática e dos desafios propostos pelo professor. (Alex, E2)

Podemos concluir que os fatores relacionados com o desenvolvimento da habilidade de fala dos alunos são: interesse na língua japonesa, motivação para aprender, prática da oralidade e desafios a serem vencidos, que também pode ser um fator motivacional.

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS REFERENTES AOS DADOS DA PROFESSORA

Nesta seção vamos procurar responder às perguntas de pesquisa “a” e “b”.

- a. Qual abordagem a professora tem utilizado?
- b. Quais métodos e técnicas a professora tem aplicado na aula de expressão oral?

TABELA 6– CRENÇAS SOBRE AS ABORDAGENS, OS MÉTODOS E AS TÉCNICAS REALMENTE UTILIZADAS NA MATÉRIA JEO1

Abordagem ¹³	Crenças sobre a Abordagem Gramática-Tradução
	<ul style="list-style-type: none">● A professora considera que ensinar a língua japonesa é ensinar a estrutura da frase.● A gramática é o instrumento que o aluno tem para entender e praticar a língua e o texto literário é o monumento final.● O aluno vai adquirir fluência quando experienciar a “imersão natural”.● Logo, a professora acredita que a abordagem da Gramática-Tradução é a melhor forma de se ensinar a língua japonesa.
Métodos	Método direto e a abordagem comunicativa ¹⁴

¹³ Aqui consideramos o sentido de abordagem segundo Leffa (1988, p.212), conforme visto no capítulo 2. Logo, o método gramática-tradução é, na verdade, uma forma de se pensar o processo ensino-aprendizagem. Conforme afirma Vilaça (2008), convém lembrar que a abordagem é o conceito mais amplo (concepções do professor sobre o que é o processo ensino-aprendizagem); o método como um conceito intermediário (plano geral de ensino) e técnica como recursos para a realização da prática docente.

¹⁴ Conforme visto no capítulo 2, segundo Leffa (1988, p.212), o método direto e a abordagem

	<ul style="list-style-type: none"> ● Auto-apresentação; apresentação da família; descrição de um espaço, objeto, lugar; narração; debate. ● Parte sempre de assuntos mais fáceis para assuntos mais difíceis. De assuntos pessoais para assuntos mais abrangentes. ● Do início ao fim da aula, professora, monitor e alunos só se comunicam na língua-alvo, o japonês. ● Logo, apesar daquela crença (acima), utiliza o método direto e a abordagem comunicativa.
Técnicas	<ul style="list-style-type: none"> ● Jogos de adivinhação, leitura de textos e filme para promover discussão, exercícios contextualizados (perguntas e respostas) e exercícios de aplicação (debate).

Apesar da crença da professora parecer estar fortemente vinculada à abordagem gramática-tradução, isso não a impede de utilizar o método direto e a abordagem comunicativa para fazer com que o objetivo da matéria JEO1 seja alcançado, a prática exclusiva da oralidade da língua japonesa. Percebemos aqui que, nos primeiros estágios do processo de aprendizagem da língua japonesa, a abordagem da gramática-tradução é mais adequada, pois o estudo da língua-alvo é feito na língua materna dos estudantes. A partir do momento que os alunos já têm um certo conhecimento gramatical é preciso fazer com que eles pratiquem e expressem oralmente todo este conhecimento, tornando-se necessário o uso do método direto e da abordagem comunicativa.

A professora acredita ainda que para melhorar a habilidade de fala dos alunos é preciso exercitar mais vezes por semana. Uma aula de dois créditos é muito pouco para a prática da oralidade.

comunicativa também são consideradas abordagens, formas de se pensar o processo ensino-aprendizagem. Mas como a professora utiliza características dessas abordagens no seu plano de ensino (método), consideramo-nos como métodos. Deixamos, entretanto, o termo “abordagem comunicativa” neste trabalho, uma vez que o referido termo já tinha sido cristalizado na literatura.

5.2 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS REFERENTES AOS DADOS DOS ALUNOS

Subdividiremos esta seção em duas partes: crenças dos alunos em relação a habilidade de fala e crenças dos alunos em relação às abordagens, métodos e técnicas utilizadas pela professora nas aulas de JEO1.

5.2.1 Crenças dos alunos em relação a habilidade de fala

Aqui responderemos à pergunta de pesquisa “c”.

c. Quais as crenças dos alunos em relação a habilidade de fala?

Apuramos que para os alunos:

- a) Falar é a mais importante das habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler, escrever). Isso se deve principalmente pela principal função da língua que é manter as relações sociais por meio da comunicação. Além disso tem o fator profissional e cultural, onde os alunos enxergam oportunidades de emprego e a absorção da cultura do Japão por meio do domínio da língua japonesa.
- b) Falar a língua japonesa é difícil principalmente por falta de vocabulário, falta de contato com a língua (falta de pessoas com quem praticar), nervosismo na hora de falar e a estrutura gramatical do japonês que é muito diferente da língua portuguesa.
- c) Os alunos acreditam que oralmente se desenvolvem bem na sala de aula, mas ainda tem muita dificuldade em situações de fala fora do âmbito acadêmico. Concluí-se que os alunos sabem que precisam se empenhar mais para alcançar seus objetivos, que é a fluência na língua japonesa.

- d) Os alunos afirmaram sentir frustração, nervosismo, desespero e incapacidade quando não conseguem transmitir suas mensagens para um interlocutor na língua japonesa. Isso pode estar relacionado com as notas 2 da tabela 5 (item 4.2 neste trabalho), onde as notas atribuídas foram relativamente baixas. Isso demonstra também que, de maneira geral, os alunos estão insatisfeitos com sua habilidade de fala. Apesar disso, os sentimentos de frustração, nervosismo, desespero e incapacidade parecem não ser fatores desmotivacionais.

5.2.2 Crenças dos alunos em relação às abordagens, métodos e técnicas utilizadas pela professora na aula de JEO1

Respondendo à pergunta de pesquisa “d”, quais as crenças dos alunos em relação às abordagens, método e técnica utilizadas pelo professor em sala de aula, concluímos que:

- a) A utilização do método direto e da abordagem comunicativa nesta turma de nível intermediário foi um sucesso, pois os alunos buscaram a matéria JEO1 justamente para suprir a necessidade de exercitar a conversação na língua japonesa.
- b) Os alunos acreditam que as abordagens, os métodos e as técnicas utilizadas pela professora foram favoráveis e os ajudaram a desenvolver a habilidade de fala em sala de aula. Isso está relacionado com a nota 1 da tabela 5 (item 4.2 neste estudo), onde os alunos atribuíram notas relativamente altas para os seus desempenhos nas aulas de JEO1. Isso demonstra também que os alunos estão satisfeitos de maneira geral com a abordagem, métodos e técnicas utilizadas pela professora, pois a professora teve mais de 90% de aprovação por parte dos alunos.
- c) A forma como a professora conduziu as aulas, abordando primeiro os temas mais simples e próximos dos alunos e evoluindo para temas mais complexos e gerais foi muito elogiado. Os alunos acreditam que este

método foi muito eficaz.

d) Os alunos desejam mais aulas de conversação.

Para responder à pergunta de pesquisa “e”, como se desenvolve a habilidade de fala em sala de aula, é preciso pensar nos fatores motivacionais do aprendizado de línguas. Para desenvolver a habilidade de fala em sala de aula é preciso que o aluno tenha interesse. E para que o aluno tenha interesse, acreditamos que é necessário saber o que motiva esse aluno a aprender a língua japonesa. Então é importante saber quais são os fatores motivacionais para abordar temas que os alunos vão sentir vontade de discutir. Logicamente, não se aprende uma língua sem exercitá-la, e como vimos anteriormente, os alunos estão cientes de que precisam praticar mais a língua japonesa.

5.3 CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO

Este estudo teve como objetivo fazer uma reflexão do corpo docente e discente nas aulas de JEO1 para esclarecer as abordagens, os métodos e as técnicas utilizadas pela professora e as crenças dos alunos em relação a estes. A partir dos resultados analisados no capítulo 4, notamos que as atividades que a professora utiliza em sala de aula e a forma como estas atividades são praticadas estão em concordância com os objetivos dos alunos, que é principalmente desenvolver a habilidade de fala.

Apuramos que os alunos anseiam pela habilidade de falar a língua japonesa e para isso necessitam de mais oportunidades. Oportunidades de errar e perceber o

erro, oportunidades de errar e ter uma pessoa capacitada para corrigir, oportunidades de acertar e sentir o resultado de seus esforços, oportunidades de praticar.

Futuramente podemos pensar em como ampliar estas oportunidades. Podemos pensar em como executar mais vezes o bom exemplo que tivemos nas aulas de JEO1.

5.4 CONCLUSÃO

Neste trabalho fizemos uma análise das abordagens, métodos e técnicas que a professora utilizou nas aulas de JEO1 e procuramos saber mais sobre as crenças dos alunos a respeito dos mesmos.

Verificamos que os alunos estão satisfeitos com a forma que a professora conduz as aulas (cf. item 5.2), o que é favorável para eles, pois mostra que o que a professora acredita ser bom para os alunos é a mesma coisa que os alunos acreditam ser bom para eles mesmos. E se há congruência nas crenças das partes envolvidas há mais chances de sucesso no processo ensino-aprendizagem. Essa satisfação pode ser atestada pelas notas 1 da tabela 5 neste estudo. As notas 1 foram relativamente altas, o que demonstra que os alunos estão satisfeitos de maneira geral com a abordagem, métodos e técnicas utilizadas pela professora.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. (orgs.). **Crenças e ensino de línguas – foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BARCELOS, A. M. F. Ser professor de inglês: crenças, expectativas e dificuldades dos alunos de letras. In: **Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004, p. 11-29.

_____. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. **Linguagem & Ensino**, v. 9, n. 2, p. 145-175, 2006.

_____. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

CONSOLO, D. A.; SILVA, V. L. T. Desenvolvimento da proficiência oral em inglês de alunos universitários: análise de tarefas e da qualidade das interações verbais. Em: **A formação de professores de línguas: Novos olhares – Vol. 1**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 127-146.

COUTO, L.C. Entre mundos de todos nós e mundos de cada um: uma investigação sobre relações entre crenças e identidades de alunos de alemão (LE). Em: **Experiências de Aprender e Ensinar Línguas Estrangeiras: Crenças de Diferentes Agentes no Processo de Aprendizagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 295-332.

FEIJÓ, F. **Crenças de alunos brasileiros (de japonês como LE) em relação à competência comunicativa em língua japonesa**. 2010. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras). Curso de Letras e Literatura Japonesa. Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF, 2010.

HORWITZ, E. K. Surveying Students Beliefs About Language Learning. In: **Learner strategies (Language teaching methodology series)**. London: Prentice-Hall, 1987, p. 119-129.

JOHNSON, D. M. **Approaches to Research in Second Language Learning**. Nova York: Longman Publishing Group, 1992, p. 75-103.

KAWAGUCHI, Y. **Seichô suru kyôshi no tame no nihongo kyôiku gaido bukku** (Livro guia de educação para professores de japonês em desenvolvimento). Tóquio: Hitsuji Shobô, 2006, p. 88-143.

KOBAYASHI, M. **Yoku wakarû kyôjuhô** (Introdução aos métodos). 2. ed., Aruku: Tóquio, 2004, p. 155-174.

LARSEN-FREEMAN, Diane. **Techniques and Principles in Language Teaching**. Oxford University Press, 2000, p. 1-51.

LEFFA, V.J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1988, p. 211-236.

MOTA, M. B; BERGSLEITHNER, J. M.; WEISSHEIMER, J. Situando a pesquisa sobre produção oral em LE. In: **Produção Oral em LE: Múltiplas Perspectivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 7-17.

MUKAI, Y. **A interlíngua dos aprendizes brasileiros de língua japonesa como LE, com enfoque no uso das partículas wa e ga**. 2009. 288 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2009.

_____. Crenças e necessidades de aprendizes de japonês como LE (Língua Estrangeira) a respeito da habilidade da escrita e materiais didáticos. **Estudos Japoneses**, n. 31, p. 193-219, 2012.

NUNAN, D. **Designing tasks for the communicative classroom**. Cambridge University Press, 1989, p. 26-32.

_____. **Second Language Teaching & Learning**. Heinle & Heinle Publishers: Boston, 1999, p. 225-248.

TAKAMIZAWA, T. **Hajimete no Nihongo Kyôiku 2: Nihongo Kyôjuhô Nyûmon** (Aos iniciantes do ensino de japonês 2: Introdução aos métodos de ensino da língua japonesa). Tóquio: Bonjinsha, 1996.

THE JAPAN FOUNDATION. **Hanasu koto wo oshieru** (Ensinando a falar). Hitsuji Shobô: Tóquio, 2007, p. 2-11.

VERONESE, C. A. S.; CARVALHO, R. C. M. Repensando os métodos de ensino/aprendizagem da língua inglesa através da história. In: UNICENTRO – **Revista Eletrônica Lato Sensu**. Ed. 5, p. 1-11, 2008.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Crenças, pressupostos e conhecimentos de alunos-professores de língua estrangeira e sua formação inicial. In: **Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004, p. 131-152.

VILAÇA, M. L. C. Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. Unigranrio, p. 73-88, 2008.

LISTA DOS APÊNDICES

Apêndice A – Carta de apresentação

Apêndice B – Termo de consentimento

Apêndice C – Q1

Apêndice D – Q2

Apêndice E – Roteiro de E1

Apêndice F – Roteiro de E2

Apêndice G – Os resultados do Q2

Apêndice H – Notas de campo

APÊNDICE A

CARTA DE APRESENTAÇÃO



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Curso de Letras-Japonês
Pesquisadora: Jaqueline Mendonça Fukushi
Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezados Senhores participantes,

Estou realizando uma pesquisa a respeito do ensino da Língua Japonesa como língua estrangeira no Brasil para meu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade de Brasília. Seria um imenso prazer poder contar com sua participação nesta pesquisa.

Sua participação será voluntária e suas respostas não serão identificadas.

Caso você concorde em participar, estará me dando a autorização para observar suas aulas num período de um mês. Sua participação envolverá o preenchimento de um questionário e a participação em uma entrevista oral. Reitero que a sua identidade será totalmente resguardada.

Desde já agradeço pela sua participação nesta pesquisa,

Atenciosamente,

Jaqueline Mendonça Fukushi



APÊNDICE B

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

Curso de Letras-Japonês

Pesquisadora: Jaqueline Mendonça Fukushi

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

TERMO DE CONSENTIMENTO

Concordo em participar voluntariamente da pesquisa, assegurando que as informações por mim divulgadas serão verídicas. Estou ciente de que:

- A minha participação é de natureza voluntária e que, em nenhum momento, me senti coagido(a) a participar.
- Todas as minhas respostas orais ou escritas permanecerão anônimas e a minha identidade será totalmente resguardada.
- Minhas respostas poderão ser utilizadas no trabalho de conclusão de curso e em eventuais artigos ou apresentações orais sobre o estudo.
- A minha participação nesta pesquisa incluirá preencher um questionário e participar de uma entrevista oral.
- Autorizo a pesquisadora, Jaqueline Mendonça Fukushi, observar as minhas aulas e também gravá-las em áudio.

Declaro que fui informado(a) dos procedimentos que serão utilizados e que entendo qual será minha contribuição como participante, comprometendo-me em participar de todas as etapas que constitui a pesquisa. Afirmando ainda que recebi uma cópia desse termo de consentimento.

Brasília, 17 de maio de 2012.

(nome e assinatura do participante)

Contatos: _____

Pesquisadora: Jaqueline Mendonça Fukushi

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO 1 - QUESTIONÁRIO PARA PROFESSOR

O presente questionário faz parte de uma pesquisa na área de Ensino da Língua Japonesa, que está em andamento na matéria “Projeto de Curso”, oferecido pelo Curso de Letras – Japonês do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília.

Informo que todas as informações reproduzidas na monografia serão feitas de forma anônima, ou seja, o nome verdadeiro do participante não será revelado.

Sua contribuição é valiosa para o sucesso da pesquisa.

1. Há quanto tempo você dá aulas de língua japonesa? (____ anos)
2. Enumere de 1 (um) a 6 (seis) os domínios que mais considera importantes nas aulas de língua japonesa, sendo 1 (um) a mais importante e 6 (seis) a menos importante. E justifique brevemente a ordem atribuída.

() escrita (inclusive *kanji*) e vocabulário () competência auditiva

() gramática () competência comunicativa

() redação () interpretação de texto

Justificativa: _____

3. Especifique por que você colocou o número “X” para “competência comunicativa”.

4. Enumere de 1 (um) a 6 (seis) os domínios onde os alunos apresentam mais dificuldade na aprendizagem de língua japonesa, sendo 1 (um) a maior dificuldade e 6 (seis) a menor dificuldade.

() escrita (inclusive *kanji*) e vocabulário () competência auditiva

() gramática () competência comunicativa

() redação () interpretação de texto

5. No quesito competência comunicativa, por que você atribuiu o número “X” ao grau de dificuldade? Justifique brevemente.

14. O que você espera que os alunos façam para potencializar suas competências comunicativas em sala de aula?

15. O que você faz para tornar a aula mais interessante e instigar a vontade de falar nos alunos?

Agradeço a sua participação.

Pesquisadora: Jaqueline Mendonça Fukushi

APÊNDICE D

QUESTIONÁRIO 2 - QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

O presente questionário faz parte de uma pesquisa na área de Ensino da Língua Japonesa, que está em andamento na matéria “Projeto de Curso”, oferecido pelo Curso de Letras–Japonês do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília.

Informo que todas as informações reproduzidas na monografia serão feitas de forma anônima, ou seja, o nome verdadeiro do participante não será revelado.

Sua contribuição é valiosa para o sucesso da pesquisa.

Informações Pessoais

Período de Ingresso na UnB: _____/_____/_____ Semestre atual: _____/_____

Sexo: F () M () Idade: _____

Nome: _____

1. Há quanto tempo estuda a língua japonesa? (____ anos e ____ meses)
2. Dentre as quatro habilidades linguísticas (falar, escrever, ouvir, ler), qual habilidade é mais importante para você no ensino-aprendizagem de língua japonesa? Enumere de 1 (um) a 4 (quatro), sendo 1 (um) a mais importante e 4 (quatro) a menos importante.
FALAR (____); ESCREVER (____); OUVIR (____); LER(____).
3. Especifique por que você colocou o número “X” para a habilidade de “FALAR” no ensino-aprendizagem de língua japonesa.

4. Em quais das opções abaixo você sente mais dificuldade? Enumere de 1 (um) a 6 (seis), sendo 1 (um) a maior dificuldade e 6 (seis) a menor dificuldade.

() gramática () escrita (inclusive *kanji*) e vocabulário
() fala () compreensão do que a outra pessoa diz
() redação () interpretação de texto

5. No quesito “fala”, por que você atribuiu o número “X” ao grau de dificuldade? Justifique brevemente.

6. A matéria Japonês - Expressão Oral 1 não é uma matéria obrigatória na grade curricular do curso de japonês. Por que resolveu cursá-la?

7. Você tem oportunidade de conversar em japonês fora da sala de aula?

() Não () Sim Especifique: _____

8. Que tipo de estratégias você utiliza na sala de aula, para melhorar sua competência comunicativa?

9. Que tipo de estratégias você utiliza fora do âmbito universitário, para melhorar sua competência comunicativa?

10. Com todo o tempo de estudo da língua japonesa, já se sente seguro para conversar em japonês com outras pessoas?

() Sim () Não

Se sim, o que você acha que te fez ter essa segurança para se comunicar verbalmente com outros?

Se não, explique por que se sente inseguro.

11. O que você sente quando tem que se expressar oralmente em japonês na sala de aula?

12. Qual abordagem, método e/ou técnica o professor responsável pela matéria Japonês - Expressão Oral 1 utiliza na sala de aula?

13. Você está satisfeito com essa abordagem, método e técnica utilizados pelo professor? Marque um X. E explique por que você pensa assim?

() muito satisfeito () satisfeito () um pouco satisfeito

() pouco satisfeito () nada satisfeito

Justificativa: _____

14. Quais métodos e/ou técnicas você sugeriria para as aulas de expressão oral?

15. O que pode ser feito no curso de Letras – Japonês para aperfeiçoar as aulas de Expressão Oral 1?

Agradeço a sua participação.

Pesquisadora: Jaqueline Mendonça Fukushi

APÊNDICE E

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O PROFESSOR

1. Na questão 2 do questionário, com relação à **importância** dos domínios da língua japonesa, a senhora atribuiu à competência **auditiva** o no. 5, ou seja, menos importante. No entanto, na questão 4, com relação à **dificuldade** por parte dos alunos, a senhora pensa que os alunos apresentam muita dificuldade na competência auditiva (atribuindo o no. 2). Ou seja, a senhora percebe tais dificuldades, mas pensa que o domínio da competência auditiva não é muito importante. Por quê?
2. Ainda referente à resposta da questão 2, o que seria uma situação de imersão?
3. Seria possível criar esta situação de imersão no contexto de aprendizagem de língua como língua estrangeira (LE)? Como?
4. O que a senhora entende por “competência comunicativa”?
5. A senhora respondeu na pergunta 5 que não é dada ênfase para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos no curso de Letras – Japonês. E desenvolver a competência comunicativa é um anseio dos alunos. O que poderia ser feito no *curso* para resolver esse impasse?
6. E nas *aulas*, o que pode ser feito para desenvolver a competência comunicativa dos alunos?
7. Na questão 6 do questionário a senhora respondeu que faltava fluência para os alunos. Qual seria a definição de fluência?
8. Ainda referente a resposta da questão 6, quais seriam os incentivos oferecidos pelo professor?
9. Como é feita a escolha dos temas trabalhados em sala de aula? Os alunos participam da escolha dos temas?
10. A regra básica das suas aulas é se comunicar só na língua japonesa dentro de sala de aula. Quando o aluno apresenta dificuldade para se comunicar, qual a estratégia que a senhora utiliza?

11. A nona pergunta do questionário não foi respondida. Vou reformular a pergunta. Uma das definições recorrentes da abordagem na literatura diz que abordagem é a idéia que o professor tem sobre a relação ensino-aprendizagem. Qual a abordagem em que você se norteia? Qual a sua concepção de ensino-aprendizagem?
12. Na questão 10 do questionário “Em que método você se baseia para as aulas de expressão oral?”, a professora respondeu: “basicamente o input natural”... Poderia explicar detalhadamente o que é input natural?
13. Na questão 12 a professora atribuiu o número 5 para as opções: Exercício de acréscimo de elementos na frase e Exercício de repetição. Por quê?
14. Ainda referente à questão 12, a professora fala da importância de criar situações para o exercício da competência comunicativa. Que situações são essas?
15. Ainda referente à questão 12, como criar essas situações de forma mais natural possível?

APÊNDICE F

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS ALUNOS

- 1) O que é o aprendizado de uma língua para você?
- 2) A habilidade de “FALAR” a língua japonesa é importante? Por quê?
- 3) Você sente dificuldade em se expressar verbalmente na língua japonesa?
- 4) Se sim, o que você acredita ser a causa dessa dificuldade? Se não, como você adquiriu confiança para expressar suas ideias na língua japonesa?
- 5) A regra da matéria Japonês – Expressão Oral 1 é usar somente a língua japonesa em sala de aula. O que você acha disso?
- 6) Como você reage quando não consegue passar a sua mensagem? Que outros recursos você utiliza nesse momento para que a mensagem seja transmitida?
- 7) Durante o semestre a professora sugeriu alguns temas para serem discutidos durante as aulas. O que você achou desses temas?
- 8) Você gostaria de ter participado da escolha dos temas para serem trabalhados em sala de aula?
- 9) Qual o recurso ou atividade que a professora utilizou em sala de aula que você achou que mais te ajudou a desenvolver a sua competência comunicativa?
- 10) O que você acha que poderia ser trabalhado de uma forma melhor em sala de aula? Por quê?
- 11) Há algum método, técnica de ensino ou recurso didático que a professora não tenha utilizado que você acha que poderia ter te auxiliado a desenvolver mais a sua competência comunicativa?
- 12) O que poderia ser feito, da sua parte, para maximizar o desenvolvimento da sua competência comunicativa nas aulas de Japonês – Expressão Oral 1?
- 13) O que poderia ser feito, por parte da professora, para maximizar o desenvolvimento da sua competência comunicativa nas aulas de Japonês – Expressão Oral 1?
- 14) De zero a dez, que nota você atribui ao seu desempenho nas aulas de Japonês – Expressão Oral 1? Por quê?
- 15) De zero a dez, que nota você atribui aos métodos e técnicas utilizadas pela professora nas aulas de Japonês – Expressão Oral 1? Por quê?
- 16) De zero a dez, que nota você atribui à sua competência de se comunicar em língua japonesa? Por quê?
- 17) Como você acha que é desenvolvida a Competência comunicativa em sala de aula?
- 18) Que nível de competência comunicativa você deseja alcançar?

APÊNDICE G

OS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO MISTO¹⁵

1) Há quanto tempo estuda a língua japonesa?

Patrícia	2 anos e 5 meses
Sheila	3 anos e 7 meses
Israel	10 anos
Luan	5 anos e 6 meses
Otávio	4 anos e meio
Alex	2 anos e 3 meses

2) Dentre as quatro habilidades linguísticas (falar, escrever, ouvir, ler), qual habilidade é mais importante para você no ensino-aprendizagem de língua japonesa? Enumere de 1 (um) a 4 (quatro), sendo 1 (um) a mais importante e 4 (quatro) a menos importante.

FALAR (____); ESCREVER (____); OUVIR (____); LER(____).

	Falar	Escrever	Ouvir	Ler
Patrícia	1	2	3	4
Sheila	4	1	3	2
Israel	1	4	2	3
Luan	1	4	3	2
Otávio	1	4	2	3
Alex	1	3	2	4

3) Especifique por que você colocou o número “X” para a habilidade de “FALAR” no ensino-aprendizagem de língua japonesa.

Patrícia	Todos são importantes, mas é possível afirmar que conseguindo "a fala" consegue outras habilidades ou que com outras habilidades, consegue a fala.
Sheila	Porque eu acho qu as 3 primeiras opções são as mais fáceis de se desenvolver no ensino da língua japonesa, a fala seria como uma "consequência" do aprendizado.
Israel	Meu principal objetivo (inicialmente) é a comunicação verbal, principalmente conseguir me expressar.

¹⁵ Reproduzimos aqui as respostas que os alunos forneceram de forma fiel. Incluindo os erros ortográficos e gramaticais.

Luan	Na minha opinião falar é essencial para comunicação e mostra o quanto a pessoa aprendeu da língua.
Otávio	Porque é a habilidade de maior importância na comunicação
Alex	Falar é muito importante. Para se comunicar melhor, para interagir melhor com outras, o ato de falar é essencial.

4) Em quais das opções abaixo você sente mais dificuldade? Enumere de 1 (um) a 6 (seis), sendo 1 (um) a maior dificuldade e 6 (seis) a menor dificuldade.

- () gramática () escrita (inclusive *kanji*) e vocabulário
 () fala () compreensão do que a outra pessoa diz
 () redação () interpretação de texto

	Gramática	Fala	Redação	<i>Kanji</i> e vocabulário	Comp. auditiva	Int. texto
Patrícia	2	6	3	1	5	4
Sheila	6	1	3	5	2	4
Israel	1	5	6	2	3	4
Luan	6	1	5	3	2	4
Otávio	6	1	3	2	5	4
Alex	4	2	3	6	1	5

5) No quesito “fala”, por que você atribuiu o número “X” ao grau de dificuldade? Justifique brevemente.

Patrícia	Não respondeu.
Sheila	Para mim não é a dificuldade em si, o problema seria minha insegurança na hora de me expressar verbalmente, que eu acho que é pior do que nas outras alternativas.
Israel	Não é necessária uma compreensão tão aprofundada de uma língua para conseguir se expressar oralmente, pelo menos em conversas não muito complexas.
Luan	A fala é o que tenho mais dificuldade porque muitas vezes eu não acho a palavra e acabo travando. Eu também não tenho muito vocabulário.
Otávio	Acho mais difícil por falta de prática e de contato com a língua
Alex	Falar ainda é um pouco complicado para mim. Pois preciso

	raciocinar sobre a língua mais rapidamente para me comunicar melhor.
--	--

6) A matéria Japonês - Expressão Oral 1 não é uma matéria obrigatória na grade curricular do curso de japonês. Por que resolveu cursá-la?

Patrícia	Por ser interessante, para adquirir mais prática na oralidade e apesar de ser somente 2 créditos, para obtê-lo.
Sheila	Para melhorar a compreensão auditiva, vocabulário e talvez perder um pouco da insegurança na hora de falar japonês.
Israel	Porque acho essencial o treino no mínimo semanal para o desenvolvimento da língua japonesa.
Luan	Resolvi cursar a matéria para conseguir aprimorar o meu japonês.
Otávio	Para ajudar a melhorar a oralidade em japonês
Alex	Justamente para me ajudar a melhorar o ato da fala e compreender melhor o que as outras pessoas dizem. Quero “desbloquear” a minha fala de japonês, pois as vezes me sinto limitado no momento de falar e não consigo me expressar bastante.

7) Você tem oportunidade de conversar em japonês fora da sala de aula?

	não	sim	
Patrícia		✓	Seria com a minha família (avós, pais, tias) e amigos.
Sheila		✓	Curso de extensão, conversa com amigos.
Israel		✓	intercambistas, as vezes com amigos.
Luan		✓	Além da UnB, eu faço um curso de língua japonesa na escola modelo de Taguatinga, mas se isso for considerado sala de aula, então não.
Otávio	✓		
Alex		✓	Eu moro com alguns intercambistas japoneses, sempre que posso, busco falar um pouco em japonês com eles.

8) Que tipo de estratégias você utiliza na sala de aula, para melhorar sua competência comunicativa?

Patrícia	Antes de falar , organizo mentalmente; e quando for falar tento não travar e gaguejar.
Sheila	Converso e tiro dúvidas com colegas mais próximos.
Israel	Tento falar só em japonês, mesmo que não tenha certeza que está certo.
Luan	Minha estratégia é tentar falar do jeito que der. Caso eu não saiba da palavra eu falo em Português mesmo ou invento alguma coisa.
Otávio	Usando construções orais que já conheço
Alex	Está sempre observando a fala e a leitura dos outros colegas.

9) Que tipo de estratégias você utiliza fora do âmbito universitário, para melhorar sua competência comunicativa?

Patrícia	Não respondeu.
Sheila	Converso e tiro dúvidas com amigos que falam japonês, estudo o vocabulário, kanjis, etc.
Israel	Escrevo textos em japonês, leio textos em japonês; converso com falantes da língua (em japonês).
Luan	Saindo da sala eu não uso muito o japonês.
Otávio	Não utilizo japonês fora da universidade.
Alex	Busco sempre estar lendo em voz alta e conversando com amigos em japonês.

10) Com todo o tempo de estudo da língua japonesa, já se sente seguro para conversar em japonês com outras pessoas? Se sim, o que você acha que te fez ter essa segurança para se comunicar verbalmente com outros? Se não, explique por que se sente inseguro.

	sim	nao	
Patrícia	✓		Apesar de não conhecer todo o vocabulário, conheço a maioria dos vocabulários que se usa frequentemente, mas ainda sinto que preciso de mais prática.
Sheila		✓	Fora da sala de aula, conversando com colegas, não me sinto tão insegura. Mas para conversar com nativos ou professores, sinto que meu conhecimento da língua ainda não é bom e suficiente para manter uma boa conversa.

Israel	✓		Sempre me "forçar" a falar em japonês sobre temas diversos; e ter a chance de ensinar japonês.
Luan		✓	Como coloquei na questão 5, eu travo muito na hora de falar.
Otávio	✓		Ja conheço o suficiente da língua para poder me expressar e poder entender os outros, apesar de precisar de mais pratica.
Alex		✓	Ainda me sinto "bloqueado", tenho dificuldade de me expressar em japonês, mas sinto que meu nível melhorou bastante, e sinto que estou perto de conseguir uma melhor fala e audição em japonês.

11)O que você sente quando tem que se expressar oralmente em japonês na sala de aula?

Patrícia	Natural, mas um pouco aflita para transmitir como quero.
Sheila	Me sinto um pouco nervosa e insegura, e isso acaba atrapalhando meu desempenho.
Israel	Uma chance de ver o quanto progredi.
Luan	Eu sinto que estou aprendendo quando tenho que me expressar em japonês.
Otávio	Nada relevante, os próprios professores incentivam a fala mesmo que com erros, afinal não aprenderíamos de outra forma.
Alex	Me sinto um pouco neroso no começo, mas de acordo que a conversa vai fluindo, vou ficando mais tranquilo.

12)Qual abordagem, método e/ou técnica o professor responsável pela matéria Japonês - Expressão Oral 1 utiliza na sala de aula?

Patrícia	Conversação a partir de um tema estabelecido, interpretação do texto, debate, pequeno jogo de adivinhação, música.
Sheila	A professora escolhe um tema, e então conversamos sobre ele em sala de aula.
Israel	Falar em japonês sobre temas específicos, fazendo cada aluno falar.
Luan	Ela escolhe temas para discussão, escolhe alguns textos e passa alguns vídeos.

Otávio	Discussão de temas, descrição de fatos e cenários, coisas que tragam vocabulário útil ao dia a dia.
Alex	Busca nos exercitar para interagirmos mais com outras pessoas, fazendo com que contemos histórias, brincadeiras interativas e dinâmicas.

13) Você está satisfeito com essa abordagem, método e técnica utilizados pelo professor? Marque um X. E explique por que você pensa assim?

	muito satisfeito	satisfeito	
Patrícia	✓		A oralidade da língua melhora com a prática frequente com assuntos diversos.
Sheila		✓	A escolha de temas variados nos permite ficar à vontade na maioria das vezes, explorando nosso vocabulário.
Israel	✓		Como o aluno tem que expressar as próprias ideias, ele acaba se forçando a aprender as palavras que quer usar.
Luan	✓		Eu sinto que estou aprendendo e que meu japonês está melhor do que antes.
Otávio	✓		A comunicação diária e mais abordada dessa forma desse jeito o vocabulário adquirido tem mais utilidade.
Alex		✓	Eu gosto do método, a professora nos deixa bem a vontade dentro da sala de aula, e se temos dificuldades, ela nos ajuda. E contamos também com a ajuda do monitor, que é um japonês intercambista, que também participa das aulas, e nos ajuda com sua experiência no Japão e com a língua japonesa, deixando as aulas mais atraentes e divertidas.

14) Quais métodos e/ou técnicas você sugeriria para as aulas de expressão oral?

Patrícia	Atividades dinâmicas como vídeo, jogos (que trabalhe com a fala e audição), músicas.
----------	--

Sheila	Não respondeu.
Israel	Fazer conversas em japonês sobre o cotidiano e situações corriqueiras; e também situações mais específicas.
Luan	Ouvir música e fazer um exercício que consiste em colocar as palavras em alguns espaços.
Otávio	Como coloquei acima estou muito satisfeito com a matéria no geral
Alex	Eu gosto das técnicas usadas pela professora e pelo monitor.

15) O que pode ser feito no curso de Letras – Japonês para aperfeiçoar as aulas de Expressão Oral 1?

Patrícia	Atividades dinâmicas como vídeo, jogos (que trabalhe com a fala e audição), músicas.
Sheila	Não respondeu.
Israel	Mais chance de conversar com nativos.
Luan	Poderia ter mais créditos, 4. Poderia ter outros horários para escolher.
Otávio	Não acho que seja necessário alguma melhoria, pelo menos no meu ponto de vista atual.
Alex	Na minha opinião deveria aumentar a quantidade de horas de aula de expressão oral 1, pois 1 aula por semana é muito pouco. Pois se o objetivo é praticar a expressão, mais aulas ajudariam ter um resultado mais satisfatório.

APÊNDICE H

NOTAS DE CAMPO ESCRITAS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS

Quadro Geral

Atividades da 1ª aula

Data: 10/05/2012

Horas	Conteúdo
21:01	Professora avisa que na semana que vem a aula será em outra sala na ala norte e haverá um vídeo. Hoje a professora vai ler um texto.
	A professora só fala em japonês. Algumas palavras podem ser em português, mas a frase, expressão tem que ser em japonês.
21:05	A professora começa a ler o texto. É um texto sobre golfinhos. A professora pergunta se está muito rápido. O barulho de fora atrapalha a leitura.
	A professora lê o texto mais uma vez. Antes explica o significado de 'iruka' em japonês.
21:11	A professora pede que os alunos expliquem o texto para ela. Faz perguntas para os alunos. Alguns respondem com facilidade, outros com certa dificuldade. Quando um aluno não entende a professora faz a mesma pergunta para outro aluno. Quando os alunos não sabem alguma palavra a professora explica com gestos, exemplos e em outras palavras, mas em japonês. Alunos confirmam as palavras em português e com objetos reais. Um aluno confirma mostrando uma lanterna. Em alguns momentos a professora fala algumas palavras em japonês e logo fala o seu correspondente em português para facilitar o entendimento. Há uma interação entre a professora e o estagiário que é japonês sobre alguns assuntos sobre psicologia.
	Entre os quatro alunos presentes, 2 interagem bem com a professora e outros 2 permanecem mais calados.
	Professora faz perguntas minuciosas sobre o texto para os alunos. Quando um aluno apresenta dificuldade a professora explica o texto entendido até o momento.
	Alguns alunos conseguem responder, mas em português. Isso

	significa que eles entenderam, mas apresentam muita dificuldade para falar. A professora solicita que o aluno fale mais uma vez, mas em japonês. Ela explica que pode ser bem dividido, que pode ser em várias frases, mas que fale em japonês.
21:29	Professora pede que o estagiário leia mais uma vez o mesmo texto. Quando o estagiário começa a ler o texto, chega mais um aluno.
	Professora pede que os alunos aprendam o significado de 'otagaini' e explica o significado em japonês dando exemplos.
	Professora pergunta se houve palavras que os alunos não entenderam. Os alunos respondem afirmativamente. Então a professora lê o texto mais uma vez, devagar, e os alunos levantam a mão quando aparece alguma palavra desconhecida. O estagiário escreve as palavras que os alunos perguntam.
21:41	Professora explica as palavras desconhecidas pelos alunos. Professora usa de gestos no momento em que explica as palavras.
21:48	A professora lê outro texto. アリの行列
21:53	O estagiário lê o texto mais uma vez.
	Mais uma vez a professora faz perguntas para os alunos para verificar o quanto do texto os alunos conseguiram absorver.
	Monitor escreve algumas palavras no quadro para auxiliar a compreensão dos alunos. だ液、血液
	A aula é muito divertida, pois envolve assuntos divertidos e os alunos são pró-ativos. Professora corrige um erro na aula. 'Takusan ga' não existe.
22:17	Professora faz perguntas sobre as experiências pessoais dos alunos. Pergunta se já tiveram experiências ou descobriram coisas interessantes sobre animais quando crianças ou adultos.
	Na semana que vem a aula será no laboratório de línguas na ala norte.

Impressões:

Acho que é melhor um professor com experiência e que tenha domínio da língua japonesa lecionar as aulas de expressão oral. Acredito que o aproveitamento da aula é bem maior.

Quadro Geral

Atividades da 2ª aula

Data: 17/05/2012

Horas	Conteúdo
20:58	A professora explica como será a aula de hoje. Haverá um vídeo, que ela repetirá duas vezes.
21:41	Depois de uma vasta explicação de aspectos culturais, a professora solicita que os alunos falem sobre o vídeo. Alunos apresentam uma certa dificuldade para iniciar a conversa e por isso a professora lança algumas perguntas. Quando os alunos erram alguns aspectos gramaticais, a professora corrige na hora.
	<i>Hana no shita ga nagai.</i> Quando uma pessoa acha as mulheres bonitas. Babão. A presença de um monitor nativo de língua japonesa enriquece muito a aula, pois ele faz perguntas referente à mesma situação no Brasil e os alunos têm que explicar a situação para o monitor.
	<i>Donari wo tsukeru</i> – gritar.
	Explicação sobre <i>ito-konnyaku</i> .
	Professora pergunta ao monitor como se faz <i>sukiyaki</i> no lugar que ele mora.
	A professora percebe que hoje ela falou muito. E pede que o aluno resuma qual a parte do vídeo que achou mais interessante. Pergunta se os alunos entenderam tudo e se houve partes que não foram compreendidas.
	Os alunos falam suas impressões. Um aluno gostou da música que apareceu no vídeo.
	<i>Karakau</i> – fazer piada.

Impressões:

O recurso utilizado hoje (vídeo, televisão) foi muito interessante. É uma forma de entreter os alunos e a partir daí tentar tirar informações deles. É uma forma de fazer com que os alunos possam narrar suas próprias experiências através do modelo oferecido por meio do vídeo. Houve muitas explicações com relação à cultura japonesa e isso também foi muito interessante.

Quadro Geral

Atividades da 3ª aula

Data: 06/09/2012

Horas	Conteúdo
20:57	<p>A professora inicia falando sobre a greve e que vão ter que recuperar o que foi perdido.</p> <p>Ela avisa que já vai começar com os debates. A professora pede que os alunos expliquem em japonês o que foi conversado com a professora Kaoru sobre os debates.</p> <p>Os alunos apresentam dificuldade de iniciar a conversa e a professora pede que os alunos tenham calma e iniciem a fala.</p> <p>Pouco a pouco os alunos começam a falar.</p> <p>A professora faz algumas perguntas para incitar a conversa. Um aluno responde e a professora usa o exemplo das eleições para explicar o que é debate.</p> <p>Os alunos falam quais os grupos e os seus respectivos membros. Falam sobre os temas também.</p>
21:08	<p>Um aluno se esforça bastante para falar. A professora não entende o que o aluno fala, mas fala algumas coisas para tentar entender a mensagem do aluno. E finalmente há um entendimento.</p>
21:17	<p><i>Meikaku</i>, a professora escreveu a palavra no quadro para explicar o significado da palavra e explicou cada kanji para fazer com que os alunos entendessem. A professora sempre dá exemplos para explicar as frases que os alunos não entendem.</p>
21:24	<p>Os alunos leem as regras em japonês e a professora explica cada uma detalhadamente.</p>
9:25	<p>A professora propõe um debate para treinar. O tema é: quem prefere a montanha e quem prefere a praia. Hoje não é para dividir em grupos, mas para identificar as opiniões dos alunos.</p>
21:29	<p>A professora acaba dividindo em dois grupos e pede que os alunos conversem sobre as razões de preferir o mar ou montanha. Pouco a pouco os alunos começam a dar suas opiniões.</p>
21:45	<p>Os alunos começam a ficar pró-ativos para falar e sentem vontade de falar suas opiniões sem precisar da professora ficar fazendo perguntas.</p>

21:46	A professora explica que é assim que se faz para fazer um debate. Levantando as opiniões a favor e as opiniões contrárias.
21:47	A professora propõe outro tema. Quem prefere gatos ou cães. Pede que os alunos se reúnam em grupos e discutam os pontos a favor e contrários. Os alunos conversam em português para decidir os tópicos.
21:56	A professora pede que os alunos também discutam a forma que eles vão expressar as ideias.
21:56	A professora pede que os grupos sentem em lugares opostos e que comecem a expressar suas opiniões. O grupo dos gatos começa e cada um dos integrantes começa a falar suas ideias. A professora não controla o tempo, pois hoje é só para treinar o debate. Professora corrige quando os alunos erram ou ensina formas melhores de falar certas frases.
22:06	Na primeira fase cada grupo fala dos pontos positivos de cada um. Na segunda etapa, cada grupo faz críticas ao grupo contrário. Na terceira etapa há a conclusão das ideias. Na próxima vez cada grupo terá 15 minutos para falar, logo o tempo é muito grande para cada pessoa. Cada um precisa estar bem preparado.
22:09	A professora pede que os alunos escrevam o que foi falado e enviem para a professora Kaoru. E que comecem a pensar no tema dos vegetarianos e carnívoros, que será o tema do debate final.
22:09	A professora pergunta aos alunos o que estavam fazendo durante a greve. Quando os alunos não sabem as palavras em japonês, a professora resgata palavra por palavra e faz com que os alunos entendam e reproduzam as expressões. A professora pede que os alunos tentem explicar com o japonês fácil. Pensar fácil, procurar palavras que já é do conhecimento deles.

Impressões: Apesar de todo o tempo que os alunos ficaram sem vir à aula devido à greve, os alunos apresentaram um bom desempenho, mas demoraram um pouco para iniciar a falar.

Quadro Geral

Atividades da 4ª aula

Data: 13/09/2012

Horas	Conteúdo
20:55	Hoje a aula é mais um treino para o debate. O tema é se a língua japonesa deve ser escrita com <i>kanji</i> ou letras romanas. A professora dá um tempo para que os alunos discutam. E pede que os alunos discutam em língua japonesa. Os alunos demonstram entusiasmo para discutir, mas insistem em discutir em português.
21:07	A professora pergunta se foi dividido o que cada um vai falar.
21:08	A professora fala um pouco sobre um movimento que pregava que o kanji não fosse mais utilizado no Japão. E pede que o debate se inicie. O grupo a favor do kanji começa a falar. Como eles não haviam decidido quem falaria o que, há uma certa demora para começar. O aluno não fala bem e a professora pede que o aluno comece a falar desde o começo e não omitir informações, pois para quem está escutando fica difícil entender.
	O aluno fica muito nervoso e não consegue falar o que gostaria. O clima da sala de aula parece tenso, pois com a dificuldade para falar há um silêncio que demora passar. Parece que os alunos não se prepararam muito bem para a apresentação.
21:16	A professora pede que os alunos deem razões para defender as suas ideias. Que sejam mais claros. Professora corrige erro gramatical.
21:22	A professora faz uma pausa para explicar alguns usos de vocabulário que os alunos usaram de forma equivocada.
	Há muitos momentos em que a sala fica em silêncio esperando o aluno falar e talvez isso deixa o aluno ainda mais nervoso.
21:31	A professora agora pede que cada grupo ataque o outro e fale das desvantagens do outro grupo.
	A professora pede que os alunos anotem o que o outro grupo fala para ter argumentos para contra-atacar. A professora pede que os alunos deem detalhes do que se está falando. <i>Naze, itsu...</i>
21:56	A professora tenta parafrasear o que os alunos falam para ver se ela realmente entendeu o que os alunos queriam dizer, mas quando ela faz isso os alunos não entendem direito o que ela disse.

	A professora explica a diferença entre bungaku e bunka no quadro
22:04	Professora explica algumas regras do debate. É importante cumprir com o horário. Para falar as coisas em <i>desu, masu tai</i> . Explica algumas expressões que podem ser utilizadas na hora do debate. <i>~itoshite, ~mitomerukeredo, tsukeaia koto ga arimasu.</i>
	Os alunos têm uma folha com algumas expressões que eles podem usar durante o debate.
22:11	A professora pergunta se os alunos não tem mais nada para falar. Um aluno fala.
	Hoje foi um treino para a semana que vem. Na semana que vem o tema será o mesmo e a professora pede que os alunos organizem melhor as suas ideias, pois a professora estará controlando o tempo de fala de cada um. É para escrever as ideias e enviar para a professora.

Impressões:

Tenho a impressão que hoje os alunos estão mais travados para falar do que na aula passada. Talvez o tema esteja difícil. A professora acrescenta muitas informações culturais à conversa e isso é muito interessante. A fala dos alunos é muito quebrada.